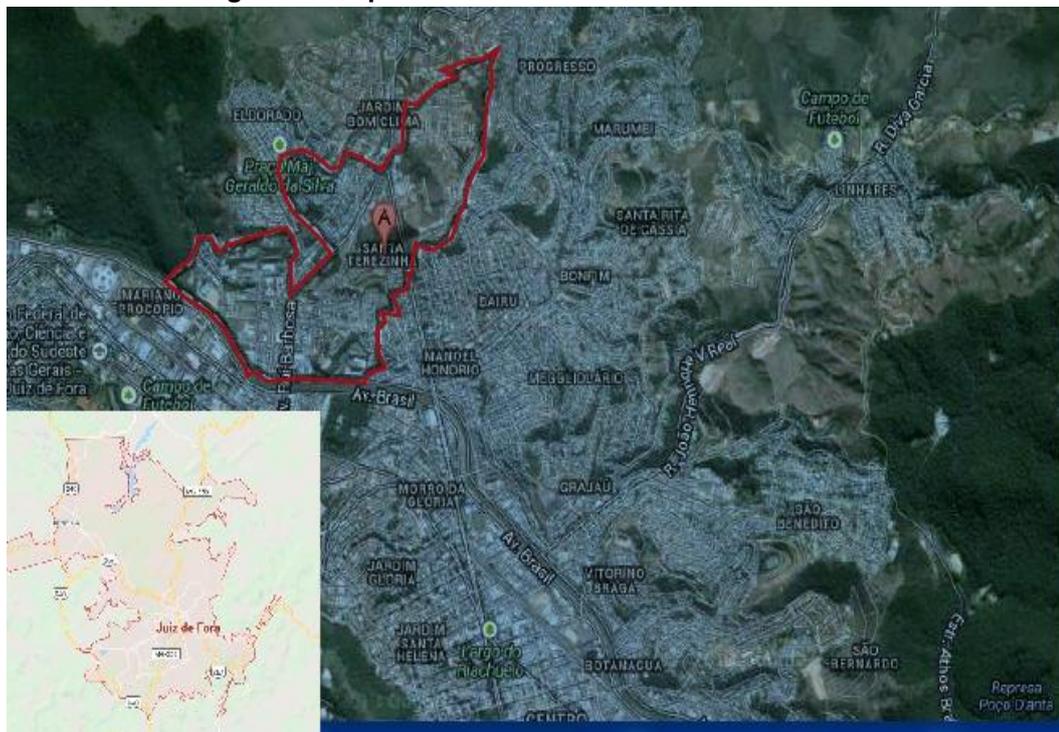


1. INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

A Capela Santa Terezinha do Menino Jesus, construída no ano de 1927, está situada à Rua Coronel Miranda, s/nº, no bairro de Santa Terezinha, em Juiz de Fora, estado de Minas Gerais (figura 1). A capela em estudo foi reconhecida como patrimônio histórico e tombado a nível municipal através do decreto nº 6501, de 06 de agosto de 1999 (Departamento de Bens Culturais de Juiz de Fora (DIPAC)/ Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (FUNALFA, 1999).

Figura 1 - Mapa Juiz de Fora/ Bairro Santa Terezinha



Fonte: adaptado de Google Earth, 2018.

A capela teve sua construção marcada no período correspondente à administração do Tenente Coronel João Franco, militar responsável pelo comando do Batalhão de Polícia Militar (CÉZAR, 2013, p.9).

Desde sua criação, a capela sofreu poucas alterações, tendo como das mais significativas a construção de uma cobertura e o fechamento com grade de proteção do alpendre.

Figura 2 – Fachada Frontal, acesso da Capela



Fonte: acervo pessoal, 2018.

O descaso das entidades competentes fez com que por várias vezes a capela fosse fechada, tendo suas atividades paralisadas no ano de 2011(CÉZAR, 2013, p.11).

A falta de conservação e manutenção da capela, em especial as janelas que estão com seus vidros quebrados, as pinturas desgastadas e a sujeira, são uma realidade visível. Somando-se a isso, a falta de uso contribui consideravelmente para a evolução da degradação do edifício. Através de análises *in loco*, e com base teórica, o objeto em estudo será analisado e diagnosticado através de um inventário

de patologias, que muito contribuirá para uma proposta de intervenção segundo o Estatuto da Cidade que:

Prevê-se, também, a proteção, a preservação e a recuperação do meio ambiente natural e construído, do patrimônio cultural, histórico, artístico, paisagístico e arqueológico. Esta é mais uma importante medida para se obter a garantia da convivência vital entre o homem e o meio, bem como para a manutenção de nossa história urbana, seja ela local, regional ou nacional (BRASIL, 2001,p.16).

O tombamento é uma das ações para preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens culturais de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser demolidos, destruídos ou mutilados. O tombamento municipal é regido pela Lei 10.777, de 15 de julho de 2004, que tem alterações pela Lei 11.000 (JUIZ DE FORA, 2004).

Nesse trabalho de pesquisa, será trabalhada toda área da Capela e o seu entorno urbano imediato.

Através de uma base teórica e avaliações *in loco*, o edifício será diagnosticado, primeiramente através do mapeamento dos danos encontrados, seguido da análise do estado de conservação do bem, o que possibilitará o entendimento das causas patológicas, e nos levará até uma proposta de intervenção que será desenvolvida na disciplina de Trabalho de Curso II (TC II).

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral do presente trabalho é realizar um levantamento de dados de pesquisa do objeto em estudo, que servirá como alicerce para o melhor desempenho do projeto futuro de requalificação da Capela de Santa Terezinha do Menino Jesus, projeto que será desenvolvido no TC II.

1.2.2 Objetivos específicos

- Levantamento *in loco* das patologias através de inventário de conhecimento, que tem como objetivo cadastrar, selecionar, identificar, classificar, reunir e organizar informações e documentos para que sua história esteja preservada e assim gerar maior interesse cultural e sua valorização no contexto inserido;
- Salvar o bem, o patrimônio cultural edificado como ancoragem da memória, que é carregado de seus significados e de simbolismo para a comunidade;
- Resgatar o uso efetivo do bem cultural, colaborando assim para um processo contínuo de pertencimento;
- Trabalhar o entorno imediato da capela numa tentativa de resgatar a fé religiosa e suas festividades;
- O cruzeiro no ponto mais alto à direita da capela será um resgate do antigo que lá existiu e funcionará como ponto de referência para o bairro;
- Resgatar a relação dos militares com a capela, proporcionando a reintegração com a mesma e suas festividades, assegurando a preservação do bem para as gerações futuras;
- Intervir no edifício recuperando seus materiais, sistemas construtivos e a capacidade de atendimento aos usuários através de processos que diminuam e/ou elimine as causas das patologias existentes e supram as necessidades cotidianas dos moradores e usuários do seu entorno;
- A necessidade do bem ser protegido e conservado, não atenderá somente os moradores das proximidades. A transformação e a restauração da capela e do seu entorno proporcionarão uma integração com a rota do Jardim Botânico, que será instalado na Mata do Krambeck. A capela, os outros bens tombados e o Jardim Botânico farão parte da rota turística do bairro Santa Terezinha da cidade de Juiz de Fora.

1.3 JUSTIFICATIVA

O interesse sobre a capela veio quando foi identificada a pequena edificação no alto da colina, ao visitar o bairro Santa Terezinha em Juiz de Fora, para estudo

do projeto de Habitação de Interesse Social e diagnóstico do entorno imediato, para estudo de um projeto de faculdade. A curiosidade levou a olhar através das vidraças quebradas, quando absorvida pela beleza de um trabalho esquecido e abandonado, veio à descoberta um lindo trabalho artístico.

O interesse trouxe a descoberta do significativo valor do objeto, com importante valor histórico, que faz parte do acervo de obras tombadas como patrimônio municipal de Juiz de Fora, através do Decreto 6501, de 06 de agosto de 1999. O bem tem como objeto de tombamento as fachadas e a volumetria construtiva (DIPAC/FUNALFA, 1999). Departamento de Bens Culturais de Juiz de Fora (DIPAC) e Fundação Cultural Ferreira Lage (FUNALFA). O bairro de Santa Terezinha é parte importante para o desenvolvimento da cidade, e a capela em estudo é objeto de grande importância dessa história. A pesquisa tem como objetivar a atenção para a importância de valorização e proteção do patrimônio, com grande valor histórico e afetivo para a cidade, e para a população do entorno da Capela Santa Terezinha do Menino Jesus.

1.4 METODOLOGIA

Para melhor desempenho do trabalho e apuração de fatos, foram feitas pesquisas históricas da cidade de Juiz de Fora, do bairro de Santa Terezinha, do Batalhão de Polícia Militar, da Capela de Santa Terezinha do Menino Jesus, além de entrevistas com moradores, documentos disponibilizados pela DIPAC/FUNALFA bibliografias, artigos e norteado pelo Projeto de Preservação do patrimônio Cultural, o Programa Monumenta, considerando as três importantes etapas que são; identificação e conhecimento do bem, diagnóstico e a proposta futura de intervenção do Bem. Estudo de Caso, a Capela da Saudade de Uberlândia, base enriquecedora norteou e enriqueceu esse trabalho. Com sua arquitetura simples mas cheia de significados, onde teve o fator de maior relevância para seu Tombamento; a imaterialidade, a história e a memória de um povo em momentos pretérito.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta monografia está dividida em cinco capítulos. No Capítulo 1 é feita uma breve apresentação do tema com a justificativa, o objetivo geral e os específicos, além do método utilizado para se chegar a um resultado satisfatório para apresentação de todo trabalho.

No Capítulo 2, “Identificação e conhecimento do bem”, temos o resultado do levantamento histórico realizado sobre a cidade de Juiz de Fora, o bairro Santa Terezinha, o 2º Batalhão de Polícia Militar e a Capela, além da caracterização urbana do entorno da Capela, chegando até as suas características arquitetônicas. Ao final deste capítulo temos também o item sobre a relação da fé com os bens materiais, que é a principal base teórica deste trabalho.

O Capítulo 3, “Proposta de intervenção da Capela de Santa Terezinha”, começa a definir o trabalho que será feito no TCC II, a partir de um estudo de caso da Capela da Saudade em Uberlândia onde algumas similaridades foram encontradas, auxiliando na proposta de intervenção para a Capela de Santa Terezinha do Menino Jesus e o seu entorno.

O Capítulo 4 discorre sobre quem foi Santa Terezinha.

“Diagnóstico” corresponde ao capítulo 5, onde o resultado dos levantamentos sobre o estado de conservação da Capela, feitos *in loco*, onde foram mapeados os danos da edificação, e seu estado de conservação.

Na conclusão, apresentam-se as considerações finais sobre o trabalho.

2 A CAPELA DE SANTA TEREZINHA DO MENINO DE JESUS

2.1 LEVANTAMENTO HISTÓRICO

O levantamento histórico foi feito através de dados coletados como mapas, documentos de arquivos disponibilizados pela DIPAC/FUNALFA, pesquisa bibliográfica, entrevistas e pesquisa de campo. Ao final serão apresentados os resultados obtidos, que muito contribuirão para a segunda etapa do projeto TC II.

2.1.1 Juiz de Fora, um breve contexto

Juiz de Fora está localizada na região Sudeste do Brasil, ao sudeste do Estado de Minas Gerais, na Zona da Mata Mineira (figura 3), com uma área de 1.429,875km². Segundo a contagem da população realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2018, o município conta com aproximadamente 564.310 habitantes, sendo que somente 587.740km² estão em perímetro urbano.

A cidade faz parte do eixo industrial das cidades próximas à BR 040 e das próximas à BR 116. A sua distância aproximada da capital mineira, Belo Horizonte, é de 283 km e as principais rodovias que servem ao município são BR-265, BR-267 e a BR-040.

Figura 3 - Localização de Juiz de Fora



Fonte: www.codemge.com.br.

Entre os séculos XVII e XVIII se tem início a história Juiz de Fora, tendo como data aproximada de sua criação o ano de 1698. Antes da chegada dos desbravadores, a região era definida por uma vegetação atlântica, marcada por uma floresta com um padrão florístico de grande porte, abrigando diversas populações

indígenas, principalmente as do ramo Tupi, recebeu a denominação de região da mata (BARBOSA, 2017, p. 23).

No final do século XVII acontece o interesse nas Minas Gerais em função da descoberta de ouro, assim um crescente movimento migratório para a região em busca de minerais e a metrópole passa a ter maior interesse na exploração das riquezas da região.

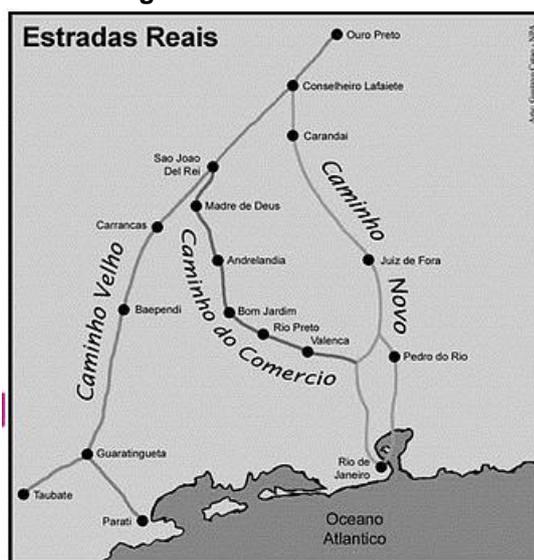
A partir de caminhos abertos pelos bandeirantes, o chamado “Caminho Velho” que ligava o litoral fluminense por Paraty ou, do litoral paulista por São Vicente, até o interior de Minas Gerais, era um percurso muito longo e perigoso. Além de enfrentar longos noventa dias de viagem, os colonizadores ainda enfrentavam outras dificuldades ao longo do percurso como os freqüentes ataques piratas, com os naufrágios e os perigos naturais encontrados na mata. “O Caminho Velho” perfazia um traslado que contornava a região da mata, conhecida como os “Sertões Proibidos do Leste” (BARBOSA, 2017, p. 24).

Região de grandes adversidades, com uma floresta impenetrável onde índios, feras e outros perigos serviam de barreiras naturais para proteção do “descaminho do ouro” (BARBOSA, 2017, p. 24).

Com as dificuldades encontradas e os constantes perigos enfrentados no transporte do ouro de Minas Gerais até a capital, houve a abertura de novas estradas com a finalidade de facilitar o transporte carroçável do ouro e o trânsito de pessoas.

O início da notável empreitada para abertura do "Caminho Novo" (figura 4) teve seu início em 1698, através de Garcia Rodrigues Paes, filho do bandeirante Fernão Dias. O novo trajeto, mais acatelado e dinâmico, caminho preferido pelas tropas e caravanas de aventureiros, otimizaria o tempo de viagem entre Minas Gerais e a capitania do Rio de Janeiro, de noventa para trinta dias, facilitando assim o escoamento do ouro para o porto colonial (OLIVEIRA, 1976, p.17).

Figura 4 - Caminho novo



Fonte: LESSA, 1985

A finalização da construção do Caminho Novo se deu no ano de 1708, tendo o Bandeirante Garcia Rodrigues Pais, como um dos principais nomes empenhados na execução. O Rei em agradecimento aos serviços prestados concede quatro sesmarias à Garcia Pais, todas localizadas ao longo do Caminho Novo e, como exigência a Coroa Portuguesa determina que todas as terras fossem produtivas e servissem como ponto de apoio aos viajantes que por lá passassem (OLIVEIRA, 1953, p.17).

A Sesmaria da Fazenda da Tapera, de propriedade do Alcaide-Mor, termo usado em Portugal para designar governador de uma província ou comarca, com jurisdição civil e militar-oficial de justiça, que prendia, fazia penhoras e se ocupava das contribuições. Posteriormente a Fazenda da Tapera (figura 5), foi cedida ao Governo para que nela fosse instalada a "Alcaidemia do Rio Barros", Como ponto de passagem obrigatório, a Alcaidemia, que tinha como vizinho a Fazenda do Juiz de Fora, recebia, tanto quem subia da Corte, quanto quem descia para a Corte. Confirmando assim a importância econômica e social do Caminho Novo (BASTOS, 1975, p.16 e 20).

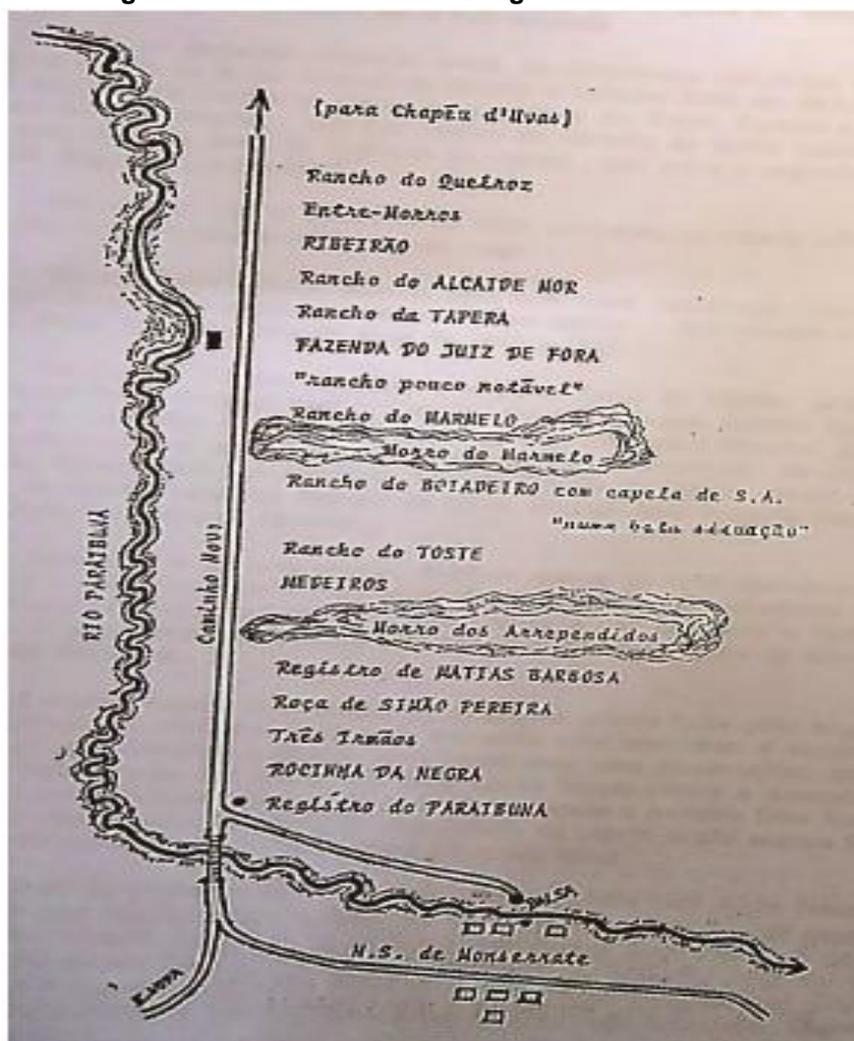
Figura 5 - Fazenda da Tapera (Alcaideimoria)



Fonte: acervo pessoal, 2018.

Com o auge da mineração, ao longo do Caminho Novo, no século XVIII, surgem vários postos para fiscalização, e ao seu redor, a instalação de povoados, hospedarias e armazéns, onde se destaca o povoado de Santo Antônio do Paraibuna, nas terras doadas pela Coroa Portuguesa, que deu origem à cidade de Juiz de Fora. Ao longo do Rio Paraibuna, no percurso, pequenos núcleos de população foram surgindo (figura 6), como a Fazenda da Tapera, atual bairro Santa Terezinha (CÉZAR, 2013, p.18).

Figura 6 - Caminho Novo ao Longo do Rio Paraibuna



Fonte: LESSA, 1950.

Apesar do crescente movimento de comércio e de pessoas residindo e transitando à margem esquerda do rio, Santo Antonio de Juiz de Fora se constituiu povoado somente no ano de 1830, porém vinculado à freguesia de Simão Pereira.

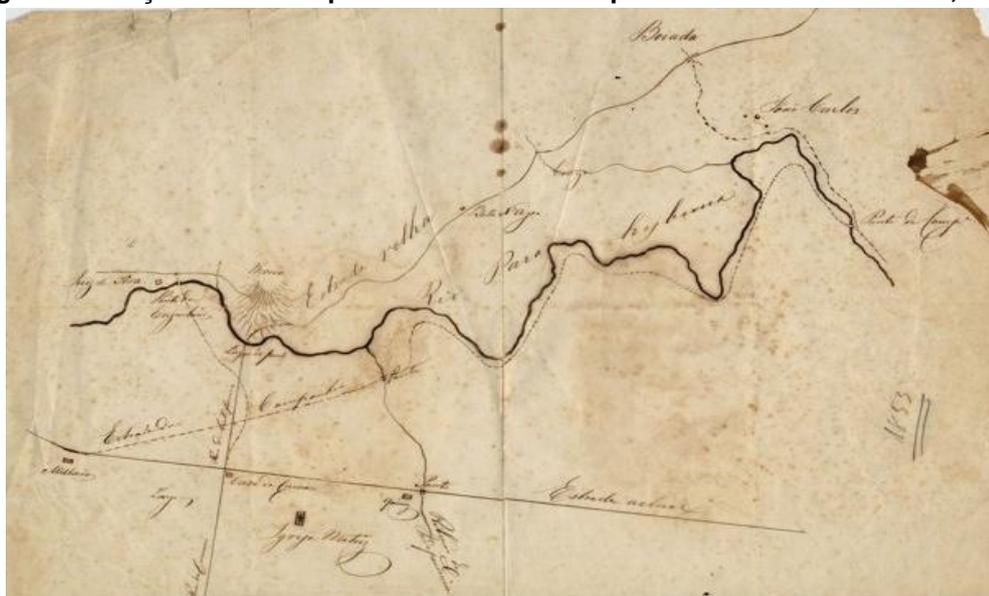
Após a decadência do ciclo da mineração em Minas Gerais, foi através do Caminho Novo que a nova forma de desenvolvimento chega às Minas Gerais, o café, passa a ser uma boa solução econômica, substituindo a extração mineral na província. Com a decadência da mineração e com o surto cafeeiro, as regiões mineradoras do interior do estado, passaram a se transformar em áreas de expulsão da população, e a Zona da Mata passa a ser pela primeira vez a região mais atrativa para essa população (BARBOSA, 2017, p.37).

Quando Dom João VI criou incentivos para a plantação do café, esse passou a ser o principal produto de exportação da região e em 1829, dez anos após a

primeira aparição, o café tem sua produção aumentada em sete vezes. Sendo que os fatores de maior relevância para esse crescimento foram a abundância de mão de obra escrava, a disponibilidade de terras virgens e de fácil aquisição, e a elevação dos preços, o que estimulava a produção do grão no mercado. A zona da Mata passa a ser responsável por mais de 90% da exportação do café no estado (BARBOSA, 2017 p.38).

Com o crescente aumento na produção do café, o novo vetor econômico esbarrava com um problema, o transporte da mercadoria para o porto fluminense. Com o aumento de uso por tropeiros e transportes carroçáveis, o Caminho Novo, com suas peculiaridades construtivas, não mais atendia às necessidades de uso. Foi então que ao retornar da Europa, o engenheiro Comendador Mariano Procópio Ferreira Lage, maravilhado com as estradas de rodagem pelas quais passara, percebe que uma nova estrada, a Estrada União Indústria (figura 7), que ligaria, Juiz de Fora à Petrópolis era um bom negócio, recebendo recursos financeiros e a autorização para sua construção sendo inaugurada em 1861 (BARBOSA, 2017, p.43).

Figura 7 - Traçado de Henrique Guilherme Halfeld para Estrada do Paraibuna, 1853



Fonte: acervo da Biblioteca Municipal de Juiz de Fora - MG.

Em maio de 1850, o povoado se eleva à categoria de Vila recebendo o nome de Santo Antônio do Paraibuna. Em 1856, a Vila de Santo Antônio do Paraibuna é elevada à categoria de cidade, e somente em 1865, recebe o nome de Juiz de Fora. Com o crescimento econômico da cidade, a abertura de ruas, com a formação do

primeiro núcleo cívico da cidade, organizado pelas casas da Câmara e da Cadeia, e o Largo do Parque Municipal, houve na década de 1860, a necessidade de um planejamento urbano (CÉSAR, 2013, p.11).

2.1.2 Bairro Santa Terezinha

Como principal bairro da Região Nordeste de Juiz de Fora, o bairro Santa Terezinha tem sua ocupação marcada no início do século XVIII com a construção da casa do Alcaide-Mor Tomé Correa Vasques, localizada na Rua Alencar Tristão (antiga Rua dos Jalões), considerada a construção mais antiga de Juiz de Fora, conhecida como Fazenda da Tapera (figura 8). Sendo dividida em Tapera Alta (ou “de Cima”, na subida da serra da Grama, onde está o bairro Vale dos Bandeirantes) e a Tapera de Baixo (no pé da serra, compreendendo o bairro Santa Terezinha). A fazenda da Tapera pertenceu à família Vidal Barbosa Lage, depois a Antônio Dias Tostes, deixando-a como herança para sua filha adotiva, esposa do coronel Custódio Tristão, que na primeira metade do século XX passa a ser o responsável pela Tapera, a Hospedaria Horta Barbosa. Em 1911 a antiga Hospedaria, tornou-se sede do 2º Batalhão de Polícia Militar (CÉSAR, 2013, p.18).

Figura 8 - Vista Parcial do bairro de Santa Terezinha com destaque para capela e a Fazenda da Tapera



Legenda:  Capela  Fazenda da Tapera

Fonte: adaptado Google Earth, 2018.

As ruas do bairro contam com asfaltamento em quase sua totalidade e as calçadas em sua maior parte são revestidas em cimento liso, com exceção de alguns trechos nas proximidades da capela. No entorno da capela, as ruas e calçadas são estreitas dificultando o acesso de veículos e de pedestres. Medidas facilitadoras do ir e vir do indivíduo, citadas na NBR 9050, não foram encontradas nas proximidades da pesquisa, tornando limitadores e restringindo a liberdade de ir e vir de qualquer pessoa.

Em 1927, a Capela foi construída no ponto mais alto do bairro, seguindo os preceitos portugueses, no qual a mesma pudesse ser identificada por vários pontos do bairro. Com o passar do tempo, sua vista é comprometida pela crescente ocupação do seu entorno. A capela, que era identificada de vários pontos do bairro, tanto da parte de baixo do bairro, quanto da capela para baixo se modificou (figuras 9, 10, 11, 12 e 13). Atualmente, pode-se avistar somente a torre da capela através de alguns poucos pontos do bairro e de um trecho nas proximidades do Shopping Jardim Norte, na Av. Brasil.

Figura 9 - Pontos de visada para a capela



Fonte: Adaptado de Google Earth, 2018.

Figura 10 - visada nº1 para a capela. Figura 11 - visada nº 2 para a capela.



Fonte: acervo pessoal, 2018.

Figura 12 - visada nº3 para a capela. Figura 13 - Visada nº4 para a capela.



Fonte: acervo pessoal, 2018; CÉZAR, 2013.

O bairro de Santa Terezinha recebeu também edificações institucionais de grande importância, como em 1911 a instalação do Segundo Batalhão de Polícia Militar, da escola técnica, o Instituto de Laticínios Cândido Tostes, Tupi Futebol Clube e a Capela Santa Terezinha (inaugurada em 1927, ocupando parte alta do terreno do Batalhão). Em 4 de setembro de 1937, através da resolução promulgada pelo prefeito de Juiz de Fora, Eduardo de Menezes, o bairro da tapera recebeu a denominação de Santa Terezinha (DIPAC/FUNAFSA, 2007, p.28).

2.1.3 2º Batalhão da Polícia Militar

Após a Proclamação da República em novembro de 1889, a Polícia Militar da província de Minas Gerais passa a ser distribuída em corpos nas principais cidades mineiras como Ouro Preto, Uberaba, Juiz de Fora e Diamantina. "A força foi denominada Corpos Militares de Polícia de Minas, tendo comandos independentes, ficaria sob as ordens imediatas do Presidente do Estado e subordinada ao Chefe de Polícia" (COTTA, 2014, p.122).

Com a proclamação da República, as antigas Províncias, agora Estados, passaram a dispor de maior autonomia política, inclusive para organizar as suas polícias, até porque era deles, nos termos do Decreto nº 1, de 15 de novembro de 1889, a responsabilidade primeira para reprimir as desordens e assegurar a paz e a tranqüilidade pública, pelos seus próprios meios, podendo, inclusive, criar Guardas Cívicas, de natureza militar (ROCHA, 2014, p. 9).

A história do 2º Batalhão de Polícia Militar é marcada com a chegada das tropas da polícia militar na Estação Ferroviária Central, localizada na Praça Dr. João Penido, recebida por operários das fábricas de Juiz de Fora, populares, o clero, comerciantes e autoridades. Após a festividade, as tropas partiram rumo à sede escolhida, a antiga hospedaria de imigrantes italianos (figura 14 e 15) em Juiz de Fora (DIPAC/FUNALFA, 2007, p.28).

Figura 14 - Antigo prédio da administração do 2º BPM



Fonte: JORGE COURI, 1964.

Figura 15 - Antiga entrada para o 2º BPM



Fonte: acervo pessoal, 2018.

A iniciativa da construção da capela dedicada à Santa Terezinha do Menino Jesus surgiu em 1926 quando o Tenente Coronel João Franco de Couto assumiu o comando do Batalhão. Tendo o término da sua construção datada no ano de 1927 (DIPAC/ FUNALFA, 2007, p.45).

Em 1963, por iniciativa da Polícia Militar, é instalado na sede do 2º Batalhão de Polícia Militar (BPM) o colégio Tiradentes, atualmente considerado um importante estabelecimento de ensino na cidade de Juiz de Fora (CÉZAR, 2013, p.23).

As necessidades da construção de uma nova unidade são passadas ao Governador Rondon Pacheco, que autoriza de imediato a demolição dos 1800m² do antigo prédio e a construção de 2100m² da nova sede da Corporação, que seriam distribuídos em três blocos. Com a inauguração da nova unidade do BPM em 1973, o acesso que era feito através da Rua Santa Terezinha, é alterado e passa a ser acessado pela Rua Tenente Luiz de Freitas (figura 16), onde se encontra até os dias de hoje (CÉZAR, 2013, p.15).

Figura 16 - Atual entrada do 2º Batalhão de Polícia Militar



Fonte: acervo pessoal, 2018.

Em 1985, na área que faz divisa com o local da implantação da Capela de Santa Terezinha do menino Jesus, foi construído o canil, (figura 17) que conta com um acesso que liga a área do canil com a parte baixa do bairro, percurso feito através da área militar. Segundo relato de um dos policiais que trabalha no canil, esse acesso chegou a ficar aberto por algum tempo, mas em função do risco que a

população estava correndo ao usar o Batalhão como passagem dentro do bairro (figura 18), principalmente por conta dos cães que ali ficam soltos para treinamento, a passagem foi fechada, tornando o acesso pela Rua Cabo Ferraz o único caminho para se chegar à Capela e o único caminho para os moradores do entorno imediato da Capela chegarem ao centro comercial do bairro (CÉZAR, 1913, p.7),

Figura 17- Vista do Canil através dos fundos da capela



Fonte: acervo pessoal, 2018.

Figura 18 - Trajeto da Capela ao centro do bairro



2.1.4 A história da Capela de Santa Terezinha do Menino Jesus

A Capela fica localizada na Rua Tenente Luiz de Freitas, s/n, em Santa Terezinha, tombada através do decreto nº 7.403, de 22/05/2002. Foi construída em 1927, por iniciativa do Cel. João do Couto, Tenentes Martins e Araújo e Sargentos Carrara, Homero, Nazareth e Filomeno. A Capela de Santa Terezinha do Menino Jesus foi projetada com uma planta retangular, com dois volumes, um correspondendo à nave principal e à sacristia e o outro correspondente à torre e o alpendre, sendo que o alpendre, provavelmente tenha sofrido intervenção após sua construção. As quatro fachadas são extremamente simples, marcadas por arcaturas em forma de ogiva sob o beiral. O alpendre que protege a entrada da capela é formado por um pórtico, com arcadas sustentadas por colunas da ordem clássica, onde se destaca a torre, marcada por vitrais circulares de vidros coloridos (FUNALFA/ DIPAC, 2007, p.45).

Após a inauguração, os domingos são marcados por celebrações de missas ministradas pelo capelão da própria Polícia Militar (PM), tendo como propósito receber apenas os militares católicos e seus familiares para as celebrações católicas

(figura 19). Com o passar do tempo, a comunidade do bairro começou a participar das missas (CÉZAR, 2013. p.21).

Figura 19 - Morro do Cruzeiro e a Capela



Fonte: Maurício Resgatando O Passado.

De acordo com informações fornecidas por moradores mais antigos da região, a Capela de Santa Terezinha do Menino Jesus é a segunda instituição religiosa brasileira erguida em homenagem à Santa Terezinha. A pintura interna tem um inestimável valor, tanto artístico, quanto de significados da fé de uma comunidade (DIPAC/FUNALFA, 2007, p.46).

Técnicas de pinturas murais feitas através de moldes e de desenhos à mão livre (figura 20) feitas pelos artistas José César Turatti e Carlos Gonçalves locais, expoentes da pintura acadêmica local, decoram o interior (DIPAC/FUNALFA, 2007, p.46).

Figura 20 - interior da Capela de Santa Terezinha do Menino Jesus



Fonte: www.g1.com.br.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE INSERÇÃO DA CAPELA

2.2.1 A Paisagem

A forma de apropriação do espaço urbano rebate-se no uso do solo de relativa diversificação, com um uso predominantemente residencial, edificações de poucos prédios e em meio ao predomínio residencial, prevalecendo o uso comercial/serviço, e as indústrias que são em menor escala, distribuídas ao longo da Av. Brasil (figuras 21 e 22). O bairro exerce grande influência nos bairros próximos, em especial Eldorado, Nossa Senhora das Graças e Mariano Procópio.

A valorização do bairro se dá por um atuante comércio e serviços locais, contando também com alguns equipamentos de serviços públicos como Delegacia de Polícia, as Secretarias de Educação, de Agropecuária e Abastecimento, o Instituto de Laticínios Cândido Tostes, o Departamento Nacional de Estradas e Rodagens, o Departamento Estadual de Rodagens, o 2º BPM, e alguns importantes nichos de comércio e indústria, favorecem o não deslocamento de seus moradores para área central de Juiz de Fora.

A Av. Rui Barbosa é o eixo principal deste subcentro, onde se concentra grande parte das atividades citadas, acarretando numa sobrecarga de fluxo de veículos pesados oriundo da Zona da Mata, pela MG-353.

Figura 21 - Mapa de Tipologia



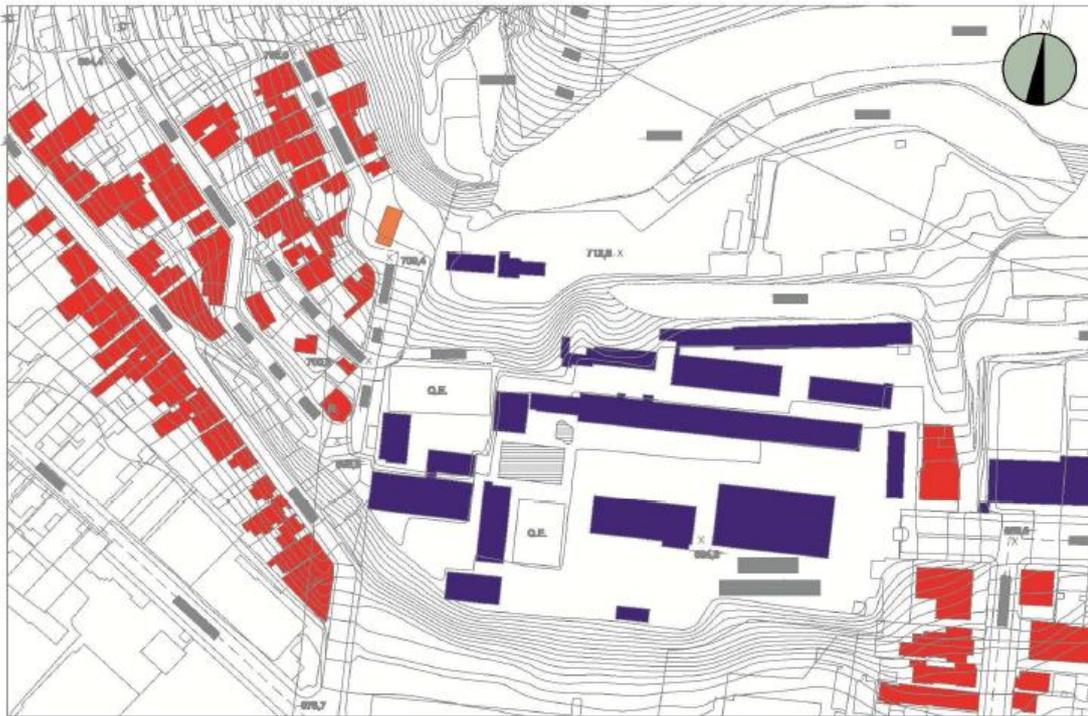
Legenda de Tipologia

-
 Capela
-
 1 pavimento
-
 2 pavimento
-
 3 pavimentos
-
 4 pavimentos
-
 5 pavimentos

Fonte: CÉZAR, 2013.

O sistema viário interno se estrutura a partir da interligação da Av. Rui Barbosa, Rua Paracatu, MG-353, Rua Diomar Monteiro, Rua Orlando Riani e Estrada de Filgueiras. Todo o fluxo de veículos da Região de Planejamento (RP) Nordeste converge para o bairro Santa Terezinha sentido Av. Brasil ou diretamente através da Av. Rio Branco pela Garganta do Dilermando. O bairro é bem servido de transporte público por ser rota de acesso a vários outros bairros.

Figura 22 - Estrutura de Uso



Legenda de Uso
 Capela Misto Comercial Residencial Institucional
 Fonte: CÉZAR, 2013.

2.2.1.1 O Plano Diretor

De acordo com o Plano Diretor (PJF, 2014), o bairro Santa Terezinha tem as seguintes características:

- Localizado na RP Nordeste;
- Unidade de Planejamento (UP) de Santa Terezinha (figura 23);
- Densidade demográfica mais alta do que as outras UPs,
- Lotes medianos,
- Altas taxas de ocupação e impermeabilização do solo
- Predomínio de horizontalidade.

Figura 23 - Região de Planejamento Nordeste

Fonte: Plano Diretor de Juiz de Fora, 2018.

A RP Nordeste, mantém um forte vínculo com a RP Centro, está situada na Macroárea de Requalificação, Consolidação e Expansão Urbana (MA) 1, na Macrozona de Consolidação e Qualificação Urbana (MZQ), na Unidade de Preservação Cultural (UPC) e na Unidade de Preservação Paisagística (UPP).

De acordo com o art. 44, a MZQ destinada ao uso urbano diversificado, está situada integralmente na área urbana e contém grande parte da mancha urbana da cidade, excetuando-se porções onde se apresentam condições específicas de ocupação (JUIZ DE FORA, 2018).

Segundo o art. 49, a MZQ corresponde à região mais urbanizada da cidade, englobando a RP Centro e parte da RP Sul, onde se encontram as maiores densidades demográficas, concentração de comércio, serviços, usos institucionais, além de conter o núcleo histórico da cidade (JUIZ DE FORA, 2018).

2.2.1.2 Prognóstico do Plano Diretor

- Restringir a instalação e funcionamento de indústrias e fábricas em áreas residenciais;
- Exercer o controle sobre a expansão imobiliária, considerando as peculiaridades do bairro;

- Limitar o gabarito construtivo bairro e elevar o coeficiente de aproveitamento, como forma de atrair investimentos, inclusive imobiliários, aproveitando suas potencialidades;
- Implantar áreas de lazer e equipamentos sócio comunitários (a implantação da Unidade de Pronto Atendimento e da área de convivência), onde hoje existe a área da indústria Quinet Textil S.A, bem como a revitalização de áreas no bairro, irão contribuir significativamente para essas medidas;
- Promover o bairro como polo gastronômico, cultural e de lazer, aproveitando as potencialidades já existentes e outras decorrentes de incentivos do poder público, em parceria com a iniciativa privada, preservando a adequabilidade das novas atividades ao uso residencial;
- Fomentar a ocorrência concomitante e harmônica das funções morar, divertir/entreter e trabalhar, no âmbito da RP;
- Preservar os bens públicos tombados;
- Disponibilizar serviço público de assistência técnica a fim de garantir direito à moradia digna aos segmentos desfavorecidos da população;
- Duplicação da Avenida Brasil, na RP Norte;
- Desconcentrar a pressão do tráfego pesado sobre as vias da RP e que busca acesso à Zona da Mata pela MG-353 com a ligação a BR 040;
- Implementar pistas/ faixas segregadas para ônibus e bicicletas, na Av. Brasil e logradouros da RP;
- Proibir o estacionamento de veículos em vias da RP que possuem fluxo intenso de tráfego;
- Ampliação da Rua Humberto de Campos e ligação com a Avenida Brasil através da implementação da ponte "São Dimas" no prolongamento da Av. Brasil, ligando Santa Terezinha ao Shopping Jardim Norte, mitigando a tensão circulatória sobre a ponte da Av. Rui Barbosa;
- Concluir a ligação entre as rodovias BR-040 e MG-353;
- Resolver o conflito entre ônibus, veículos particulares e pontos de táxi, no uso da Av. Rui Barbosa;
- Diminuir as vagas de estacionamento nas vias arteriais, como a Av. Rui Barbosa;

- Modernizar rede de postes de transmissão de energia, bem como tornar compatível, com a devida distância, estes com a arborização encontrada nas vias;
- Definir locais de resíduos sólidos e poluentes;
- Fiscalização dos resíduos tóxicos jogados nos córregos, lagos, rios, etc;
- Evitar mistura de água pluvial com esgoto;
- Preservar e recompor as áreas de especial interesse ambiental;
- Adotar o sistema de separador absoluto das águas precipitadas e esgotos, terminando com as redes mistas;
- Manter a Mata do Krambeck intocada, mesmo que a utilização da Fazenda da Malícia, pela UFJF, possa despertar algum interesse imobiliário no seu entorno;
- Implantar programa de instalação de fossas sépticas nas áreas desprovidas de redes públicas de esgotamento sanitário;
- Manter a Mata do Krambeck intocada (figura 24);
- Implantar corredores silvestres, envolvendo a Mata do Krambeck e fragmentos da mata da Remonta;
- Buscar destinação para os esgotos domésticos e hospitalares que não seja para os cursos d'água;
- Preservar e monitorar as nascentes e minas de uso público;
- Dragar periodicamente o leito do Rio Paraibuna, da RP – Norte até a RP – Sudeste;
- Despoluir o Rio Paraibuna e córregos urbanos;
- Implantar fossas sépticas com filtros anaeróbicos nas áreas não atendidas por redes públicas de esgoto;
- Implantar, por lei específica, a obrigatoriedade de instalação de sistema de tratamento de esgotos, em condomínios;
- Definir locais para destinação/finalização de resíduos sólidos e poluentes;
- Intensificar a fiscalização em relação a despejos de resíduos tóxicos nos corpos d' água;
- Melhorar a limpeza urbana nas áreas de circulação intensiva de pessoas;
- Preservar e recompor as áreas de especial interesse ambiental;

- Adotar o sistema de separador absoluto das águas precipitadas e esgotos, terminando com as redes mistas.

Figura 24 - Mata do Krambeck



Fonte: UFJF, 2010.

Figura 25 - mapa de bens tombados no bairro Santa Terezinha UP-NE1



Legenda:

-  Fazenda da Tapera
-  Instituto de Laticínios Cândido Tostes
-  Capela Santa Terezinha do Menino Jesus

Fonte: adaptado do Google Earth, 2018.

- Transporte e mobilidade para dar continuidade à pista da margem esquerda da Avenida Brasil no sentido Norte, cortando trecho da Mata do Krambeck, lindeiro ao Rio Paraibuna, com isolamento entre a via e a mata, visando melhorar a articulação interregional Nordeste/Norte e minimizar a sobrecarga do fluxo circulatório neste lado da via;
- Implantar a Via Interbairros como alternativa de ligações/ articulações inter-regionais e diminuição do trânsito na Avenida Brasil;
- Tratar o trecho urbano da MG-353 de modo a oferecer ao pedestre maior segurança;
- Buscar solução para a sobrecarga do fluxo circulatório de veículos que trafegam pela RP, buscando acesso à MG-353 ou à cidade;
- Buscar, desde já, estratégias operacionais para os impactos que advirão do funcionamento do shopping Jardim Norte sobre o trânsito da Avenida Brasil;
- Melhorar o transporte público para os bairros da RP, especialmente nos horários de pico;
- Mapear o regime de uso do transporte coletivo por região, adotando o micro-ônibus para atender os usuários em horários de baixa procura;
- Implantar a Via Remonta, possibilitando a ligação da MG-353 ao bairro Barbosa Lage e minimizando ameaças potenciais à integridade da Mata do Krambeck;
- Melhorar a segurança dos pedestres, construindo passeios na Avenida Juiz de Fora;
- Melhorar a rotatória de acesso ao Parque Guarani;
- Verificar a possibilidade de retirada do sinal de trânsito no acesso para Avenida Barão do Rio Branco - "Garganta do Dilermando", responsável pela retenção do trânsito;
- Redistribuir para os bairros Progresso e Manoel Honório o tráfego de acesso à cidade, pela MG-353;
- Rever a engenharia de tráfego da Avenida Rui Barbosa e da Rua Doutor José Eutrópio;

- Adotar sistema de mobilidade com modal de transporte público de deslocamento rápido e que permita a articulação e transferência entre os diversos meios de transporte;
- Implantar o sistema troncalizado de transporte com estações de transbordo (JUIZ DE FORA, 2018); Permitir a implantação de empreendimentos residenciais populares de grande parte apenas em locais com disponibilidade e oferta de equipamentos e serviços públicos;
- Implementar ação pública continuada para regularização de habitações em áreas de risco;
- Diversificar usos nas áreas onde são implementados os empreendimentos do Programa Minha Casa Minha Vida;
- Implantar projetos habitacionais populares também em áreas centrais (JUIZ DE FORA, 2018).

2.2.1.3 Características físicas e antropólicas

Formada por área planas, a região do bairro Santa Terezinha é marcada por uma topografia pouco acidentada, tendo o córrego da Tapera que passa pelo bairro como um dos afluentes do rio Paraibuna, principal rio que corta a cidade de Juiz de Fora. Nas áreas de várzea e nas adjacências, se encontram uma formação de massas verdes de expressividade para a cidade como, o Museu Mariano Procópio, algumas áreas de encostas e a Mata Krambeck. A prática de proteção das áreas de preservação da natureza na região tem funções atenuantes na condição climática local além de melhora na qualidade da paisagem urbana.

A Mata do Krambeck tem um forte impacto sobre a malha urbana do município devido à sua permanência e importância, pois as propriedades que formaram o conjunto florestal são remanescentes das primeiras fazendas a se instalarem na região, por representatividade territorial e pelas conseqüências que geram na urbanização de seu entorno e na cidade como um todo. Destaca-se, por fim, a importância de ações de planejamento que contemplem as áreas verdes e o processo de crescimento de Juiz de Fora com vista a valorizar a preservação da natureza no meio urbano (CRUZ, 2018, p.21).

2.2.1.4 Kevin Lynch

Segundo Lynch (1918, p.7), as pessoas se orientam nos espaços urbanos através de mapas mentais.

Olhar para a cidade pode dar um prazer especial, por mais comum que possa ser o panorama. Como obra arquitetônica, a cidade é uma construção no espaço, porém uma construção de grande escala; que só se pode ser percebida no decorrer de longos períodos de tempo (...) (LYNCH, 1960, p.1).

Levando em consideração a escala de algumas grandes cidades, é factível a impossibilidade de conhecê-la de uma só vez. É importante considerar o tempo como parte essencial para se perceber e entender uma cidade, não podendo deixar as experiências únicas adquiridas através das particularidades e percepções de cada indivíduo (LYNCH, 1918, p.7).

As cidades podem ser reconhecidas e organizadas dentro de um padrão coerente, relacionados com os aspectos visuais da cidade, sendo dois esses conceitos legibilidade e imageabilidade.

O conceito da legibilidade que leva em consideração apenas os aspectos visuais, configura a facilidade com que cada parte de uma cidade pode ser reconhecida e organizada frente a um padrão coerente, podendo se dizer que o que torna uma cidade legível é a facilidade gerada no agrupamento e na identificação de suas regiões, bairros, monumentos, vias de circulação, etc (LYNCH, 1918, p.2).

A imageabilidade, conceito que significa a referência transmitida ao observador através de um objeto físico, proporcionando maior facilidade à pessoa para observar e entender a cidade, considerando que as referências de um lugar, contribuem para que as pessoas entendam com mais facilidade as cidades (figura 26). Cada cidadão tem diferentes associações com partes da cidade, a imagem produzida no inconsciente de cada um está impregnada de memórias e significados. Quando essas memórias e significados passam a ser e ter importância para um grupo de pessoas e não mais simplesmente para um indivíduo, sua preservação é justificada, podendo-se falar, então, em patrimônio cultural (LYNCH, 1918, p.2).

Figura 26 - parcial do bairro, ponto que se avista a capela



Fonte: acervo pessoal, 2018.

Para melhor se interpretar a cidade, Kevin Lynch define através de cinco elementos (figura 27) aquilo que as pessoas utilizam para estruturar sua imagem da cidade, sendo eles: bairros, caminhos, limites, pontos nodais e marcos.

Figura 27 - entorno imediato da Capela segundo teoria de Kevin Lynch



● Pontos nodais ■ Bairros
 - - - Caminho - - - Limite * Marcos

Fonte: CÉZAR, 2013.

Bairros:

- Pode-se identificar uma grande circulação de veículos, de pessoas, comércio e lazer na Avenida Rui Barbosa, com uma via ampla e plana. A Rua Santa Terezinha, com uma presença residencial quase na sua totalidade, e com um fluxo de veículos e de pedestres menor que a citada anteriormente. As ruas que são acessadas a partir da Rua Cabo Ferraz, área estritamente residencial, suas ruas são estreitas, tortuosas e marcadas por uma topografia acidentada.

Caminhos:

- Caminhos podem adquirir maior relevância de acordo com suas qualidades espaciais de um determinado lugar (figura 28 e 29);
- "São canais ao longo dos quais o observador costumeiramente, ocasionalmente, ou potencialmente se move. Podem ser ruas, calçadas, linhas de trânsito, canais, estrada de ferro" (LYNCH, 1960, p.47);
- As esquinas são consideradas pontos importantes, pois os elementos posicionados nessas interseções são visivelmente mais notados e utilizados como pontos de referência.

Figura 28 - Rua Santa Terezinha



Fonte: acervo pessoal, 2018.

Figura 29 - Av. Rui Barbosa



Fonte: acervo pessoal, 2018.

Limites:

- São barreiras lineares entre duas regiões distintas que impossibilitam ou dificultam a permeabilidade visual ou de circulação, podendo às vezes criar uma segregação quando separam as partes nas cidades. A declividade da topografia em certas áreas do bairro e as ruas sem saída pode ser considerada como limites, por quebrar a linearidade da paisagem.

Pontos Nodais:

- São pontos estratégicos nas cidades onde o observador pode entrar, e que são importantes lugares para onde se vai e onde se vai e vem.
- No entorno imediato da capela foram identificados os seguintes pontos nodais: toda área do BPM, a sede do "Tupi Foot Ball Club", o Cemitério Parque da Saudade, o Instituto de Laticínios Cândido Tostes, a Praça Professor Benjamin Colucci, a Paróquia Santa Terezinha, situada na Avenida Rui Barbosa e o shopping Jardim Norte na Av. Brasil (figura 30 a 36).

Figura 30 - localização dos pontos nodais



Fonte: adaptado Google Earth, 2018.

Figura 31 - sede do 2º BPM (3 no mapa). Figura 32 - Clube Tupi (4 no mapa)



Fonte: acervo pessoal, 2018.

Figura 33 - Cemitério Parque da Saudade (6 no mapa). Figura 34 - Igreja Santa Terezinha (1 no mapa).



Fonte: CÉZAR, 2013; acervo pessoal, 2018.

Figura 35 - Instituto Cândido Tostes. Figura 36 - Shopping Jardim Norte.



Fonte: acervo pessoal, 2018.

Marcos:

- Se distinguindo dos demais elementos, seja através de escala ou pelo contraste que o tornará visível de vários pontos, tornando-se singular em relação aos outros objetos ao seu redor. Na região identificaram-se como marcos, as inscrições do 2º BPM no alto da colina, acima da capela, visíveis de várias regiões do bairro e a imagem de Nossa Senhora Aparecida (figuras 37 e 38), na esquina das ruas Cabo Ferraz e da Rua Batalda, além da Capela

Santa Terezinha do Menino Jesus que se destaca entre as ruas estreitas e tortuosas e suas residências.

Figura 37 - inscrições do 2º BPM. Figura 38 - imagem de Nossa Sra. Aparecida



Fonte: CÉZAR, 2013.

2.2.1.5 Arquitetura da Capela

Segundo os preceitos da implantação das edificações religiosas na paisagem, a construção da capela tem soberania no que se refere à sua implantação em ponto de destaque, no alto da colina. A capela foi edificada com fachadas simples, com poucos ornamentos, tendo como maior expressividade os arcos em formato ogival com função de sustentação (figura 39).

O acesso à capela é marcado por um alpendre, não existente na data da sua construção. Esse alpendre é marcado por um pórtico, sustentado por colunas que seguem uma ordem compositiva, e sobre a qual se destaca uma torre vazada com seus vitrais circulares de vidros coloridos. O desnível existente do alpendre para a via é vencido por uma escada. O alpendre recebe uma cobertura de três águas em telha de amianto, e um fechamento feito através de um gradil de ferro. As fachadas laterais recebem cada uma delas duas janelas em madeira, com sistema de abertura em guilhotina, divididas em caixilhos retangulares de vidros, marcados pelo desenho de uma roseta em sua parte superior fixa. Duas pequenas seteiras ovais fechadas por ferro e vidro, e que se apóiam em consolos salientes de massa, marcam a fachada sul (FUNALFA/DIPAC,1999).

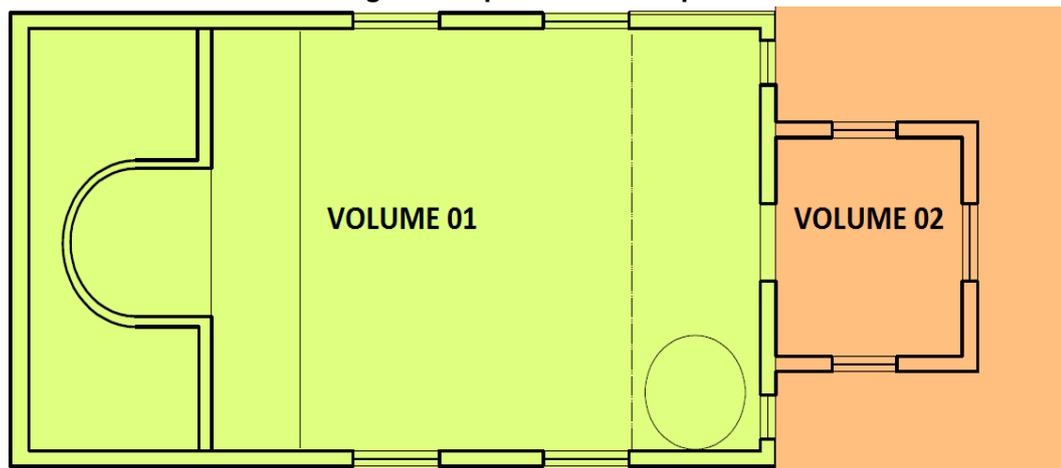
Figura 39 - vista da Capela



Fonte: FUNALFA/DIPAC, 1999.

A capela possui uma planta arquitetônica simplificada em formato prismático, com paredes planas, dividida em dois volumes (figura 40), sendo um ocupado pela nave e sacristia e o outro destinado ao alpendre e a torre.

Figura 40 - planta baixa Capela



Fonte: acervo pessoal, 2018.

Não apresentando grandes ornamentações, as fachadas são simples, podendo destacar os arcos de formato ogival sob o beiral do telhado. Toda

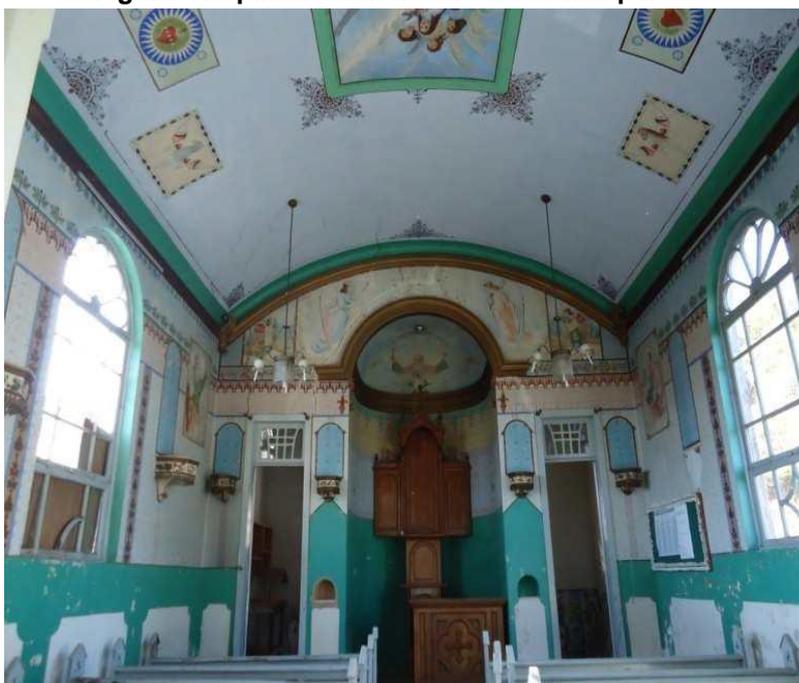
construída com tijolos maciços, cobertura de duas águas em telha cerâmica do tipo francesa (CÉZAR, 2013, p.37).

A torre que marca o acesso da capela recebe uma cobertura de folha de zinco. Para vencer o desnível externo para o interior da capela, foi construída uma escada que recebe como proteção o alpendre, formado por um pórtico coberto por um telhado de três águas em telha cerâmica tipo francesa e um fechamento vertical de proteção, um gradil em ferro.

As fachadas laterais têm cada uma, dois vãos de abertura em arco, as laterais direita e esquerda à porta de entrada da fachada, são marcadas por dois óculos em formato oval, com divisões em ferro e vidro, e sobressaindo ao óculos, em sua base um consolo em massa.

A decoração que ornamenta o interior da capela é marcada por técnicas de pinturas murais (figura 41), feitas através de moldes e de desenhos à mão livre. As paredes e teto da Nave e do altar-mor receberam pinturas sacras, simbólicas e decorativas, feitas pelos artistas José Cesar Turatti e Carlos Gonçalves, expoentes na pintura acadêmica e mestres formadores de gerações de novos artistas. O coro e a belíssima escada helicoidal são protegidos por um guarda-corpo trabalhado, são em madeira (FUNALFA/DIPAC, 2013).

Figura 41 - pintura artística no teto e nas paredes



Fonte: CÉZAR, 2013.

As paredes são decoradas com um belíssimo rendilhado colorido (figura 42), quadros com pinturas metafóricas e religiosas ornaram as paredes e o forro da capela, destacando-se a pintura atribuída à Santa Terezinha do Menino Jesus (figura 42). O altar-mor em forma de nicho recebe em seu forro abobadado a pintura do Pai eterno. Na parede oposta ao altar, na entrada da Capela, localiza-se um mezanino, onde fica o coro da capela onde uma significativa escada helicoidal protegida por um guarda-corpo abalaustrado, ambos em madeira (figura 42).

Figura 42 - pintura de Santa Terezinha



Fonte: CÉZAR, 2013.

Figura 43 - escada helicoidal



Fonte: CÉZAR, 2013.

De acordo com informações fornecidas por moradores mais antigos da região, a Capela de Santa Terezinha do Menino Jesus é a segunda instituição religiosa brasileira erguida em homenagem à Santa Terezinha. A pintura interna tem um inestimável valor, tanto artístico, quanto de significados da fé de uma comunidade (DIPAC, 2013, p. 46).

2.2.1.6 Técnicas construtivas

Sistema construtivo:

A análise a seguir construída através de fotografias e mapeamentos feitos *in loco*, destacam os danos existentes e demonstrará o estado de conservação da obra. Para uma análise mais profunda e específica serão necessários profissionais específicos, como por exemplo, geólogo e um engenheiro. Elementos construtivos do Edifício:

- Fundação: não se pode afirmar qual o tipo de fundação utilizado na construção da capela, visto que não houve a possibilidade de analisar a sua fundação;
- Estrutura: como forma construtiva foi adotada a alvenaria portante;
- Fechamento das paredes: tijolo maciço que foi identificado através de um desgaste, perda do reboco apresentado nas paredes externas;
- Revestimento interno e externo: as paredes receberam reboco liso pintado com tinta óleo. Pinturas artísticas ornaram o forro e parte das paredes.

Coberturas e beirais:

- O volume onde se encontram o altar e a sacristia recebe um telhado de duas águas, com telha cerâmica do tipo francesa. Não foi possível a identificação do madeiramento utilizado na sustentação dos telhados, por não ter sido permitido o acesso ao mesmo;
- O volume correspondente à torre recebe um telhado de chapas metálicas;
- O alpendre sustentado por pilares de madeira recebe uma cobertura de telhado em três águas com telha de cerâmica do tipo francesa.

Forros:

- O forro da sacristia é em réguas de madeira, enquanto que o da nave é executado com a técnica de estuque e ornado com pinturas artísticas (figuras 44 e 45).

Figura 44 - forro de madeira. Figura 45 - pintura artística no teto



Fonte: CÉZAR, 2013.

Piso:

- Toda a área interna da capela, o alpendre e a nave foram revestidos com ladrilho hidráulico (figura 46), a sacristia recebeu o cimento queimado, o mezanino assoalho de madeira e a calçada que contorna a área externa da capela recebe uma cimentação rústica.

Figura 46 - piso de ladrilhos hidráulicos do alpendre



Fonte: CÉZAR, 2013.

Escada e guarda-corpos:

- A escada interna que dá acesso ao mezanino tem o fuste e os degraus toda confeccionada em madeira. Todo o guarda-corpo que protege a escada (figura 47 e 48) apresenta três diferentes elementos compositivos em madeira com recortes de cheios e vazios.

Figuras 47 e 48 - detalhes guarda-corpo escada



Fonte: CÉZAR, 2013.

Esquadrias e ferragens:

- Na fachada frontal, a porta principal confeccionada em madeira, com duas folhas, recebe pintura esmalte. As laterais direita e esquerda da porta de

entrada da capela são marcadas por um óculos em cada lado em formato oval, vedados por ferro e vidro e que se apóiam em consolos salientes de massa. As fachadas laterais contam cada uma com duas janelas com aberturas no sistema de guilhotina, em esquadrias de madeira, divididas por quadros de madeira com vidros no formato retangular, recebendo ainda uma roseta na parte superior fixa.

- Fechamentos externos que estabeleçam um limite entre a capela e a área urbana não foram encontrados.

A pintura decorativa feita em 1927 por César Turatti e Carlos Gonçalves, nomes importantes das artes da cidade, contribuem para a ornamentação do interior da capela (figuras 49 e 50). As técnicas utilizadas pelos artistas como pintura murais feitas através de moldes e desenhos à mão livre no forro são características importantes dos artistas. Pode se ver também nas paredes e forros, os rendilhados coloridos e os quadros com pinturas metafóricas, onde se destaca o painel principal, dedicado à Santa Terezinha do Menino Jesus.

Figuras 49 e 50 - pintura artística



Fonte: CÉZAR, 2013.

Os bancos de madeira (figura 51) da capela são de Pinho de Riga, madeira de origem europeia muito utilizada no período da construção da capela. Há também um detalhe em forma de seteira trilobulada nos bancos da capela.

Figura 51 - bancos em madeira

Fonte: CÉZAR, 2013.

Nos arquivos do DIPAC foi encontrado um inventário feito em 2011, de todos os bens móveis que havia na capela, como imagens sacras, objetos litúrgicos que se encontram protegidos na casa paroquial da Capela de Santa Terezinha.

Partindo do registro de entrevista com antigos moradores do bairro de Santa Terezinha arquivados no processo de tombamento disponibilizado na DIPAC/FUNALFA, alguns fatos importantes estão dispostos a seguir: um lavatório foi instalado posteriormente à construção da capela, atrás da sacristia, sendo o abastecimento de água feito diretamente através de tubulação de abastecimento público, portanto não existe reservatório de água. Quanto à parte elétrica existente, não se pode afirmar que é atual ou do período de sua construção. Não houve constatação de equipamentos ou instalações de prevenção e ou contra incêndios. Não havendo informações documentais nem orais referentes às e modificações feitas no edifício e no seu entorno, será necessária uma análise técnica e arqueológica de toda a edificação, e serão de grande importância na materialização do projeto em curso. Segundo Cezar, foi relatado por alguns moradores algumas modificações ocorridas ao longo do tempo, mas que ainda não estão comprovadas via documental. (Cézar, 2013, p.45).

A iniciativa da construção de um muro ao redor da Capela cercando o seu terreno lateral e fundos se deu com o propósito de proteção do objeto, mas a parte executada foi demolida após a manifestação de moradores contrários, e que

defendem que o acesso à Capela deve ser mantido aberto e sem restrições. O que restou desse muro se restringiu à parte que foi instalada a caixa de medição de luz.

A cobertura feita com telhas de amianto, executada com a finalidade de proteger o alpendre, ao acesso para o interior da capela, foi executado posterior à instalação do gradil, construído com a finalidade de frear atos de vandalismo. De acordo com os moradores, o vidro original das janelas era colorido, mas após serem destruídos por vandalismo, foram substituídos por vidros lisos doados por moradores.

A cor verde na barra inferior das paredes da nave não corresponde ao tom original da capela. Segundo relatos, a cor de tinta cinza descoberta aparece na primeira camada da alvenaria, não podendo portanto afirmar em qual período foi feita a pintura atual na cor verde, do interior da capela. (CÉZAR, 2013, p.45). Também foi relatado por moradores que havia uma porta na fachada posterior da capela, que ligava a sacristia ao lado externo da capela (CÉZAR, 2013, p.45).

2.2.1.7 Proteção legal

Em 1996, com a finalidade de inventariar os bens mais relevantes em Juiz de Fora no tocante valor histórico cultural, o Instituto de Planejamento da Prefeitura de Juiz de Fora (IPPLAN) contrata a empresa Século 30, de Belo Horizonte, que identifica a Capela de Santa Terezinha do Menino Jesus como um desses bens a ser inventariado.

Em 1998 foi preparado um dossiê de tombamento da capela, onde foi designado um membro da CPTC, a historiadora e museóloga, Maria das Graças de Almeida, como relatora do processo. Além do núcleo original e da decoração interna, a relatora sugeriu o tombamento da documentação histórica, de todas as peças do rito litúrgico, da imaginária, do altar, da mesa, do genuflexório, dos bancos, das peanhas e das alfaias¹ (figura 52) (sanguíneo, pala, manustérgio e véu do cálice). “As alfaias (figura 51) são feitas de linho, tecido especial usado somente no momento da consagração. Também tem os bordados, que diferenciam esses panos dos tecidos comuns” (CÉZAR, 2013, p.48).

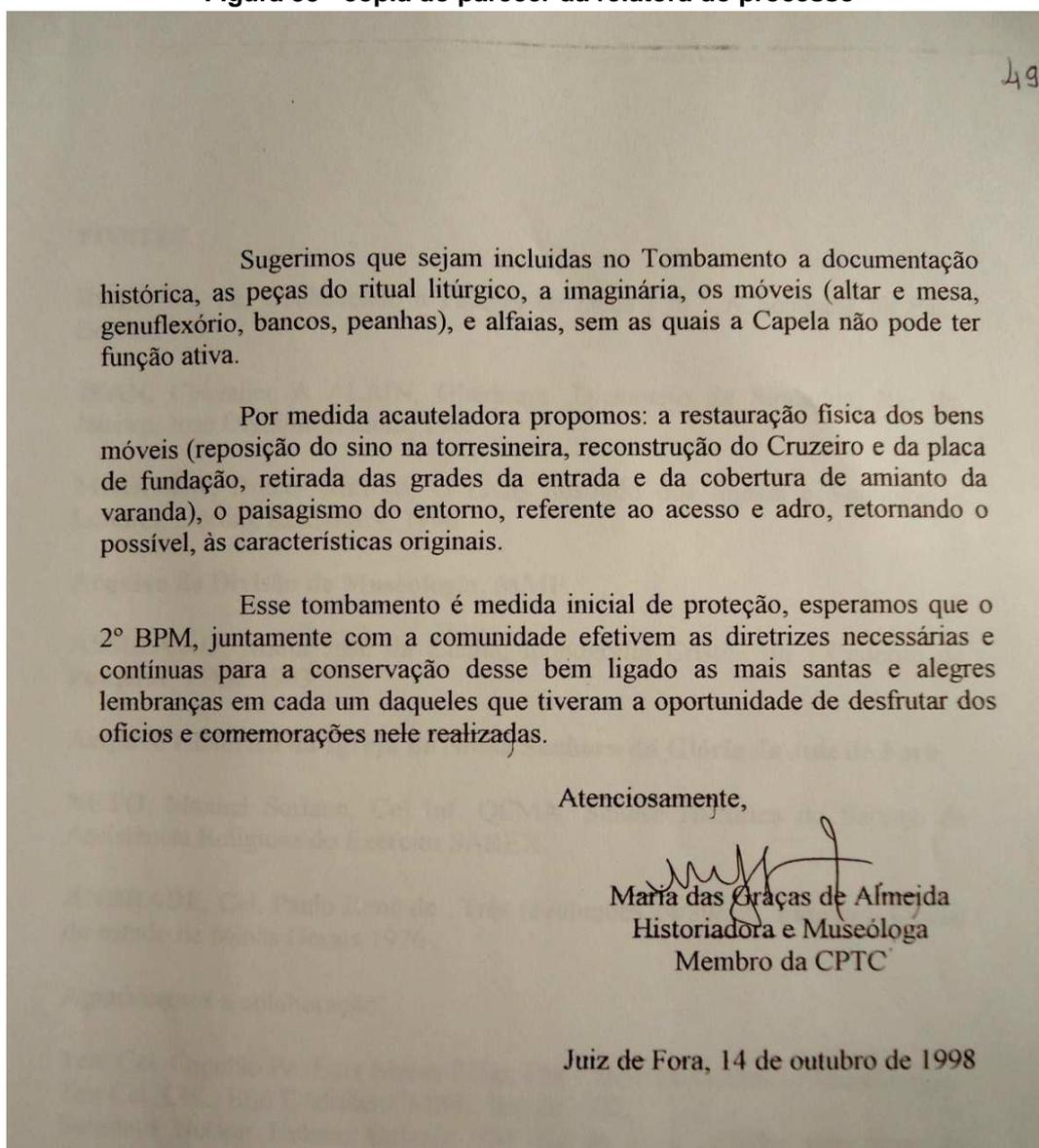
¹ As Alfaias, nome de objetos litúrgicos usados nas celebrações.

Figura 52 - alfaias

Fonte: Divino Pai Eterno.

Em 06 de agosto de 1999, através do Decreto nº 6.501 a capela foi tombada a nível municipal como patrimônio histórico cultural, apesar da indicação da relatora dos bens móveis integrados à peça, para que fizessem parte do tombamento como objetos de proteção legal inscritos no Livro do Tombo (figura 53), apenas a sua volumetria construtiva e suas fachadas foram tombadas.

Figura 53 - cópia do parecer da relatora do processo



Fonte: JUIZ DE FORA, 1998.

As pinturas parietais da capela, executadas pelos artistas locais Carlos Gonçalves e César Turatti (fundador da primeira escola de pintura de Juiz de Fora nos anos 20, A Escola de Belas Artes Antônio Parreiras) não foram contempladas no decreto de tombamento, apesar de grande representatividade para o seu reconhecimento como bem cultural. A partir de relatos de moradores da região e de padres que chegaram a celebrar no local, as pinturas sacras têm grande importância, pois chamam a atenção de quem utiliza o espaço. A pintura religiosa tem grande importância no rito católico, além de contribuir para uma característica ímpar à Capela de Santa Terezinha do Menino Jesus.

2.2.1.8 Cartas Patrimoniais

Segundo a Carta de Veneza (1964), a

A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenha adquirido, com o tempo, uma significação cultural (UBERLÂNDIA, 2018, p.98).

A Capela de Santa Terezinha do Menino Jesus necessita da noção de testemunho coletivo ou do Batalhão da Polícia Militar. Revelando memórias pretéritas desde a construção do cruzeiro até a data do encerramento das suas atividades religiosas, o templo é um testemunho vivo da história da cidade. Como previsto na Carta de Burra (1980), “significação cultural designará o valor estético, histórico, científico ou social de um bem para as gerações passadas, presentes ou futuras”. Partindo desse princípio, para que seja edificado o significado de patrimônio Cultural é importante que o reconhecimento da comunidade local extrapole os limites particulares, no caso o 2º BPM de Juiz de Fora.

A Conferência de Nara (1994) destaca que

Todos os julgamentos sobre atribuição de valores conferidos às características culturais de um bem, assim como a credibilidade das pesquisas realizadas, podem diferir de cultura para a cultura, e mesmo dentro de uma mesma cultura, não sendo, portanto, possível basear os julgamentos de valor e autenticidade em critérios fixos. Ao contrário, o respeito devido a todas as culturas exige que as características de um determinado patrimônio sejam consideradas e julgadas nos contextos culturais aos quais pertencem (UBERLÂNDIA, 2018, p.99).

Negar a condição de bem cultural como marco representativo para a cidade de Juiz de Fora, endossa o esvaziamento das pessoas para o lugar que era utilizado como local de culto e convívio.

De acordo com o Manifesto de Amsterdã (1975)

O patrimônio arquitetônico é um capital espiritual, cultural e social cujos valores são insubstituíveis. Cada Geração dá uma interpretação diferente ao passado e dele extrai novas ideias. Qualquer diminuição desse capital é, portanto, mais um empobrecimento cuja perda em valores acumulados não

pode ser compensada, mesmo por criações de alta qualidade (UBERLÂNDIA, 2018, p.99).

O Manifesto de Amsterdã remete à perda de sentido que a capela de Santa Terezinha do Menino Jesus e o seu cruzeiro sofreram com o passar do tempo. O espaço encontra-se em total desuso, não mais acontecem as celebrações e as festas religiosas ditas como tradicionais, e o seu cruzeiro, ponto de oração dos militares, local de penitência, há muito deixou de existir. Os conceitos relacionados ao patrimônio cultural como monumento histórico, significação cultural, capital espiritual, cultural e social presente nas Cartas Patrimoniais e em Chuva (1998), evidenciam a perda de sentido, tendo em mente o uso atual empregado do seu terreno e o encerramento das atividades litúrgicas e festividades da capela. Assim sendo, torna-se evidente a urgente necessidade de uma adequada e intervenção do seu uso (UBERLÂNDIA, 2018, p.99).

2.2.1.9 A Fé

Foi através de uma resolução promulgada em 4 de setembro de 1937, pelo prefeito Eduardo de Menezes Filho (que ocupava a prefeitura de Juiz de Fora), que o nome do bairro da Tapera foi substituído para Santa Terezinha (PEREIRA, 2017).

A identificação com a Santa foi reforçada com a construção de uma capela implantada no alto da colina, dedicada à Santa Terezinha.

Segundo entrevistas feitas com moradores antigos da região, quem sempre zelou pela capela foram os moradores em especial as moradoras Heloísa Silva Rezende e Carmélia Mesquita Gomes, que preparavam a capela para as celebrações semanais. A capela aos poucos foi sofrendo o desgaste oriundo do tempo e da falta de manutenção, provocando assim a diminuição das celebrações e por fim o término dessas que aconteceu em 2011. Por iniciativa de moradores foi passado um abaixo assinado com objetivo de clamar pela restauração, preservação e o resgate das cerimônias da Capela de Santa Terezinha (CÉZAR, 2013, p.52).

A Recomendação para a Salvaguarda da Cultura tradicional e Popular de 1989, a Carta de Fortaleza de 1997 e a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003, são Cartas Patrimoniais e recomendações que tratam das tradições e do bem imaterial de forma isolada (CÉZAR, 2013, p.51).

Não se pode restringir a cultura apenas ao objeto no suporte físico, ou apenas à condição intelectual. É possível perceber que alguns bens durante ao longo de sua história recebem significados específicos que exercem uma relação com a cultura de uma população, num determinado período, oriundos da relação do bem consigo mesmo, com a sociedade na qual está inserida e com a relação na produção material e imaterial. Assim, é possível perceber que alguns bens que apresentaram significados durante sua história, necessitam de um empenho especial da sua preservação para que possam ser usufruídas para as próximas gerações. A maneira de viver e a identidade de uma comunidade são expressões que traduzem a identidade local de uma comunidade (SANTANA, 2009. p.35).

A capela em estudo é um exemplo factível da necessidade de vincular a preservação do bem material com o imaterial, nesse caso representados através do edifício e da relação deste com a fé dos moradores da região. O imaterial se manifesta através do suporte físico, material, tornando assim a capela essencial para a existência do imaterial (CÉZAR, 2013, p.51). Assim sendo, não é possível separar o concreto do abstrato, a materialidade da imaterialidade. Portanto podemos considerar esses fatores como determinantes para preservação e restauração de um objeto, e sua relevância para justificar que sem o edifício não haveria a constatação da fé de um povo (SANTANA, 2009, p.37).

O abandono da capela, a falta de conservação e de uso, levam os moradores a não mais fazerem uso do espaço religioso, onde celebrações e festas religiosas aconteciam e assim o estado de degradação é eminente e as tradições de fé de uma população se esvaem.

Segundo Santana (2009, p.27):

O resgate da cultura acaba por reativar as identidades das tradições locais, regionais ou nacionais, pois segundo POLLACK, 1992, "sendo construída socialmente, a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade individual e/ou coletiva, e pode ser associada a bens culturais variados (apud CEZAR, 2013, p.51).

Existem registros da utilização do estuque como revestimento desde a civilização egípcia. As técnicas construtivas podem ser distribuídas em três etapas: preparação da argamassa, preparação do suporte e técnica de aplicação (BASTOS, 2002, p.84).

A argamassa era feita com duas ou três camadas. Quando essa era feita de duas camadas, uma constituída de argamassa de cal, e uma segunda fina camada de argamassa de gesso. O estuque sobre canas entrelaçadas com cordas, era a forma de assentamento usada pelos egípcios. Os egípcios costumavam assentar o estuque sobre canas entrelaçadas com cordas, que posteriormente foram substituídas por tramas de madeira e a partir da década de 20 do século XX, começaram a ser utilizadas tramas metálicas, comuns até os dias de hoje. Acho que a citação tem que vir no final da frase (BASTOS, 2002, p.87).

Esse madeiramento de suporte da tela deve ser feito independentemente do telhado, para evitar a movimentação higrotérmica¹, que pode levar ao surgimento de fissuras no estuque. A técnica de aplicação da argamassa é geralmente realizada em duas camadas. (BASTOS, 2002, p.88). A primeira deve ser pela parte superior da tela, necessitando de dois funcionários. Enquanto um segura o suporte, denominado esparável² que servirá de base de um painel, o outro o preenche de forma que a tela fique recoberta, compactando a argamassa. A camada de acabamento, sob a tela, deverá ser aplicada como um emboço após a primeira adquirir resistência inicial.

O acabamento polido era feito na argamassa endurecida, onde a superfície do estuque era umedecida com uma esponja; o polimento era dado com pedra pomes ou grés muito fino e, para finalizar, esfregava-se um feltro embebido em água e sabão. Há também acabamentos como molduras, ornamentos em relevo, pinturas e cimalkhas que podem ser feitos de estuque (BASTOS, 2002, p.89).

¹ Higrotérmica: sensação de bem estar relativamente à umidade e temperatura ambiente. Fonte: www.csustentavel.com

² Esparável: Ferramenta que consiste .em uma pequena prancha munida de uma pega de um dos lados, com que se aplica a cal e areia nos tetos. Fonte: <https://dicionario.priberam.org/esparavel>.

3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DA CAPELA

Como forma de enriquecimento da pesquisa, será apresentado um estudo de caso, a Capela da Saudade, localizada em Uberlândia/MG, de propriedade particular, com algumas similaridades à de Santa Terezinha do Menino Jesus. Além das fachadas simples, as capelas, a da Saudade e a de Santa Terezinha do Menino Jesus, tem o valor simbólico e afetivo como valores relevantes na memória individual e coletiva da comunidade as quais estão inseridas. Como referência, a Capela da Saudade que está restaurada e em funcionamento das suas atividades religiosas e festivas, norteará o trabalho de pesquisa e o no projeto de requalificação da área de inserção e da Capela de Santa Terezinha do Menino Jesus. As diretrizes indicadas nos preceitos da teoria do restauro através das Cartas Patrimoniais, referências de autores com expressividade na área de restauro, serão elementos de grande importância como direcionamento da pesquisa e do projeto de intervenção que será apresentado na proposta de intervenção a ser realizada na disciplina de TC II.

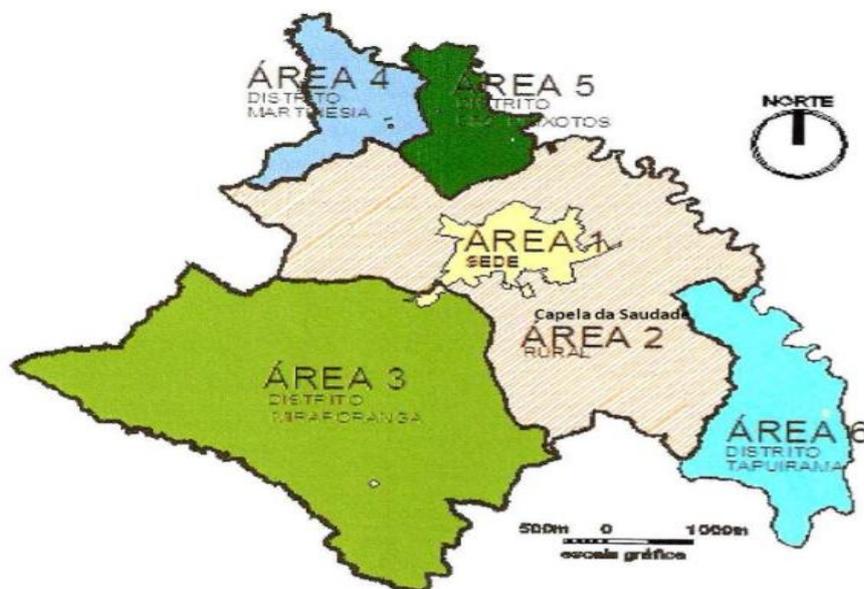
Será apresentada no final desta pesquisa a intenção projetual de uma proposta de revisão do perímetro de tombamento da Capela e o projeto de intervenção no próprio bem, contemplando ações de conservação, de restauração e de qualificação de uso. De acordo com a análise do decreto de tombamento da Capela de Santa Terezinha, a falta de demarcação do limite do terreno da edificação é apontada como uma deficiência na demarcação dos limites que abrange o terreno do objeto.

3.1. ESTUDO DE CASO

3.1.1 A Capela da Saudade

Localizada na região rural de Uberlândia (figura 54), Minas Gerais, a Capela da Saudade fica em um local conhecido como Cruz Branca. Foi edificada em terras particulares pertencentes à família Pereira, descendentes de João pereira da Rocha, sesmeiro que por lá chegou ao início do século XIX.

Figura 54 - Mapa Uberlândia



Fonte: UBERLÂNDIA, 2016.

Construída na parte mais alta da Fazenda da Saudade, local onde havia um cruzeiro erguido pelos proprietários no início do século XIX. De acordo com relatos, a Capela da Saudade foi construída como forma de cumprimento de uma promessa de um membro da família Pereira que morreu antes de cumpri-la, outro motivo relatado seria que um engenho rudimentar movido à água tocava à noite sem que ninguém estivesse por perto (UBERLÂNDIA, 2016).

Na segunda metade do século XIX, nas proximidades do cruzeiro, a família Pereira construiu um rancho para abrigar os fiéis que por lá passavam, clamando por chuva e rezando pelas almas.

A primeira Capela foi construída no ano de 1899 e em 1954 foi totalmente reconstruída. No final do ano de 1990, o cruzeiro de madeira que se encontrava em processo crítico de deterioração foi substituído por uma cruz de alvenaria (figura 55). Essa reconstrução foi de iniciativa de Astolfo Pereira Carneiro em homenagem a Francisco Pereira Rezende e aos zeladores Coronel Alves Pereira, João Francisco dos Santos e Francisco Fernandes de Rezende, através da ajuda de amigos, mutirões, donativos, leilões e festejos.

No ano de 2014 foi necessária a substituição do telhado, do forro interno e a pintura interna e externa da capela (UBERLÂNDIA, 2016).

A capela apresenta um expressivo valor simbólico e do sagrado, porém não apresenta um valor de relevância no tocante arquitetônico.

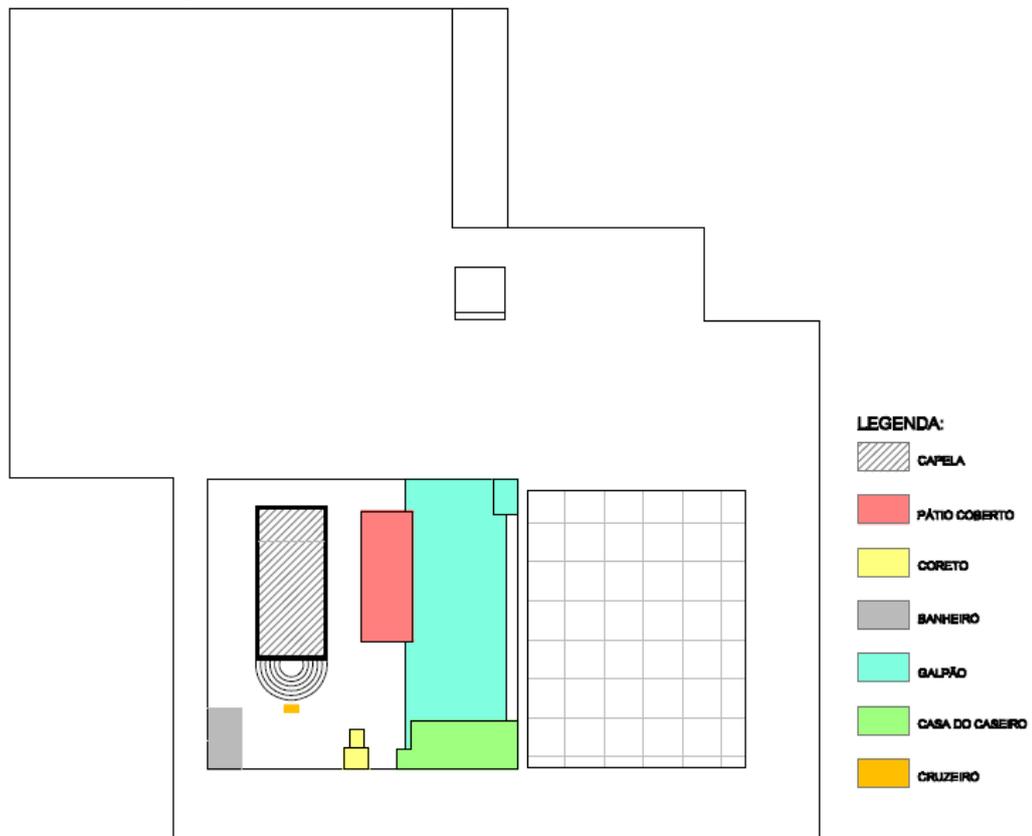
Figura 55 - Cruzeiro Capela da Saudade

Fonte: UBERLÂNDIA, 2016.

Construída com tijolos maciços sobre uma base de pedra, a capela segue o modelo construtivo de alvenaria estrutural. As esquadrias em ferro das janelas recebem vidros coloridos, as portas de duas bandeiras são em madeira, o telhado construído em duas águas, com telhas do tipo francesas, não autênticas. O piso do interior da capela é de ladrilho hidráulico de desenho geométrico e a escada que dá acesso à entrada principal no formato circular foi feita no cimento grosso. A fachada posterior é marcada por dois óculos vedados por uma tela metálica (UBERLÂNDIA, 2016).

A planta da Capela da Saudade tem partido retangular simples, possuindo dois cômodos internos, nave e altar. Dividindo os cômodos há execução de vão retangular, não possuindo ornamentação ou trabalho decorativo. Em relação à nave, esta possui pintura dialogando com a parte externa, também empregando tons de branco e azul. A cor branca é empregada nas alvenarias, na estrutura das janelas e no forro; e a cor azul ocorre nos roda tetos e nas portas. O piso é executado em ladrilho hidráulico, sendo o mesmo na nave e no altar, com exceção do degrau conformado pela diferença de altura entre os dois cômodos, sendo esse revestido em peças de granito preto (UBERLÂNDIA, 2016).

Figura 56 - Planta de Implantação da Capela da Saudade



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Figura 57 - relação da Capela com os anexos



Fonte: Jr. Rodeios, 2016.

No altar, as paredes laterais são pintadas na cor dourada e a parede onde está instalada a mesa com sacrário e as imagens sacras são pintadas na cor branca. A mesa é executada em alvenaria, sendo pintada na cor branca, recebendo rodapé em madeira geometrizada. O forro também possui trabalho diferenciado, contando com pintura impressa com imagens de anjos e do Espírito Santo, sendo forte a presença da cor azul (figuras 58 a 62).

Figura 58 - piso hidráulico, bancos e porta de madeira. Figura 59 - sistema de ventilação



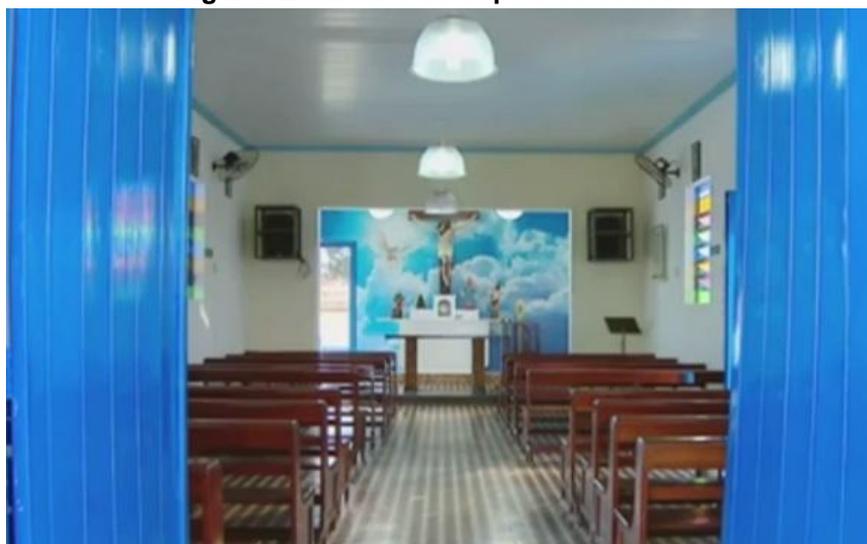
Fonte: UBERLÂNDIA, 2016.

Figura 60 - altar. Figura 61 - detalhe forro do altar



Fonte: UBERLÂNDIA, 2016.

Figura 62 - interior da Capela da Saudade



Fonte: UBERLÂNDIA, 2016.

É comemorada na capela, todo mês de maio, a Festa da Santa Cruz de Todos os Santos; acontece a celebração de missa uma vez ao mês, Procissão e a Cavalgada da Saudade. A festa na Capela da Saudade é um importante evento que proporciona a interação e a convivência, reunindo diferentes gerações das famílias das fazendas próximas à capela da população rural (figura 63).

As festas, os ritos religiosos, as procissões e devoções que ocorrem na Capela da Saudade recuperam um passado no qual, a celebração se torna um fragmento das histórias de formação deste povo (UBERLÂNDIA, 2016).

Figura 63 - Festa da Santa Cruz 2014



Fonte: UBERLÂNDIA, 2016.

A capela exerce uma importância na memória coletiva em muitas pessoas que freqüentaram missas, foram batizadas e vivenciaram as festividades religiosas promovidas no local. Algumas dessas pessoas também participaram e contribuíram para construção, reconstrução e reforma da mesma.

Inserida na zona rural da cidade, com um entorno imediato natural, possui uma topografia plana na sua totalidade, além de área aberta que proporciona a recepção aos fiéis e às festividades (figura 64).

Figura 64 - Vista parcial da Capela da Saudade



Fonte: acervo pessoal, 2018.

3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO DE CASO

A Capela de Santa Terezinha, assim como a Capela da Saudade, tem seu início marcado pela construção de um cruzeiro no ponto mais alto da região abrangente. De acordo com Moreira (2013), uma das manifestações mais comuns de devoção trazida pelos portugueses para o Brasil foi a cruz que tinha a finalidade de formalizar a conquista do espaço, de sacralização, de invocação da proteção celeste, de demarcação de local de culto, convocação do povo e de catequese. A cruz, portanto, se estabelece como uma forma de devoção popular e além do povo, as autoridades civis e militares se encarregavam de semear cruzes em todo o território.

A Capela da Saudade, apesar de estar inserida em um ambiente rural, é um ótimo exemplo de como se lidar com a relação do material e imaterial.

3.3. POSTURAS PROJETUAIS

A proposta de intervenção do projeto foi elaborada a partir de um embasamento teórico, fundamentado em consultas às Cartas Patrimoniais, resultando em uma série de posturas projetuais:

- A proposta de intervenção deve basear-se no ponto fundamental do projeto, que é a relação entre a Capela e a relação de fé na comunidade (relação entre o bem material e o imaterial);
- De acordo com a Carta de Veneza (1964), a conservação dos monumentos exige primeiramente uma manutenção permanente dos mesmos, além do estabelecimento de uma função útil à sociedade. Dessa forma, A Capela deve ter sempre sua conservação mantida e se, caso seja necessário, uma intervenção deve ser de caráter excepcional;
- Qualquer intervenção não pode alterar a Capela em sua essência, devendo assim as alterações ser reversíveis, permitindo a retomada da substância do edifício, bem como permitir a realização de intervenções futuras;
- Quando forem necessárias novas intervenções, tanto os materiais quanto os sistemas construtivos devem ser compatíveis, levando em consideração a não nocividade das técnicas ao bem, além da comprovação de sua eficiência;
- Qualquer intervenção necessária deve ser sempre mínima e harmoniosa, uma vez que ela caracteriza uma alteração do bem. Portanto, as alterações contemporâneas devem integrar-se àquilo já existente, não alterando sua realidade, mantendo assim a autenticidade do bem;
- Os valores religiosos, culturais, sociais, históricos e etc., são valores inerentes ao bem de conservação, sendo fundamental também a sua preservação, além da preservação da Capela;
- Para o bem ser preservado, os usuários e o entorno são pontos cruciais a serem levados em conta, uma vez que o reconhecimento do objeto pela população auxilia na sua preservação;
- A ambiência também deve ser preservada, em prol da paisagem cultural do lugar.

3.4 REVISÃO DO PERÍMETRO DE TOMBAMENTO

Diante das atribuições na Carta de Veneza (1964) que ressalta que “os elementos de escultura, pintura ou decoração que são parte integrante do monumento não lhes podem ser retirados a não ser que essa medida seja a única capaz de assegurar sua conservação”, para assegurar o tombamento integral da capela, será necessária uma revisão no perímetro de tombamento que hoje contempla somente sua volumetria construtiva, onde se inclua os bens móveis e integrados, e as pinturas em seu interior.

Com o objetivo de proteção do perímetro da capela, serão necessárias medidas que delimitem e demarquem a área de ocupação do objeto. A revisão do perímetro de proteção será definida na segunda etapa do projeto de TCII, salvaguardando a capela de interferência visual no ambiente urbano.

3.4.1 Proposta de intervenção

Ao longo do tempo o homem se utiliza da arquitetura como forma simbólica para fazê-lo lembrar de algo associado à memória. E os edifícios com os seus mais belos e perfeitos elementos imitam a natureza através da lógica geométrica.

Na arquitetura religiosa, para representar a perfeição de Deus, utiliza-se das formas circulares, com dimensões matematicamente bem calculadas. As cúpulas que fazem uma alusão ao homem, remetendo sobre a sua autoconsciência, a sua individualidade e a sua afirmação perante a natureza (OLENDER, 2006).

À definição da importância histórica, sentimental e da ambiência atribuída ao longo tempo de sua existência, chegou-se à necessidade de se manter o objeto como forma de preservar a identidade da população. Um novo uso para a edificação tornaria inoportuna diante a importância simbólica atribuídos à capela pelos moradores.

Para se levar adiante o projeto de preservação da Capela de Santa Terezinha do Menino Jesus, será necessário a revitalização da Capela e uma requalificação do ambiente urbano que a cerca. A restituição do cruzeiro, símbolo forte de orações dos militares, lugar destinado à vigília, é uma ação importante para a volta do uso do lugar como ponto de orações e fé.

O projeto de requalificação arquitetônica, a Capela de Santa Terezinha do Menino Jesus, objeto tombado como patrimônio histórico a nível municipal, localizado na Rua Tenente Luiz de Freitas, s/nº, no bairro de Santa Terezinha, em Juiz de Fora, estado, Minas Gerais terá como proposta a restauração interna e a requalificação do espaço externo.

Com objetivo de diminuir ou eliminar as patologias encontradas no objeto, serão necessárias ações como forma de recuperar e promover o sentimento e a educação das pessoas em relação ao edifício. Algumas intervenções de melhoria no quesito civil como novas instalações elétricas, hidráulicas e de prevenção contra incêndio serão de grande importância para integridade física do prédio.

Uma rampa de acesso será sugerida para adequação à NBR 9050, como forma de promover o uso para todos. A criação de duas praças com área de paisagismo e de descanso delimitará naturalmente a área da Capela. Além de equipamentos de lazer e estacionamento para veículos. Dentro dos padrões contemporâneos, uma nova construção implantada à direita da capela, com uma planta que contará com um banheiro acessível externo, um lavabo interno, uma pequena copa e uma sala/ escritório será erguida, tendo como objetivo o atendimento ao público e religioso. O novo objeto será implantado de forma a não comprometer e nem interferir na paisagem da capela. A ambiência será preservada na Capela do Menino Jesus para que esta resgate seu simbolismo no bairro e na cidade. Outra forma de promover a identificação da edificação de outros pontos do bairro será através de iluminação adequada.

4 SANTA TEREZINHA DO MENINO JESUS

Em 2 de janeiro de 1873, na cidade de Alecom, baixa Normandia, na França, nascia Santa Tereza Do Menino Jesus, recebendo como nome de batismo, Marie Francisca Tereza Martin. Após ter sido curada de uma doença, Terezinha decidiu entrar para o Carmelo, falecendo aos 24 anos no dia 30 de setembro de 1897 e beatificada em abril de 1923 e canonizada em 17 de maio de 1927 pelo Papa Pio XI.

O Papa João Paulo II, através da Carta Apostólica, *Divinis Amoris Scientia*, a declara Doutora da Igreja (figura 65) por causa da sua mensagem da Infância

Espiritual e da Contemplação da Face de Cristo. Santa Terezinha do Menino Jesus foi considerada a maior Santa dos tempos modernos (CANÇÃO NOVA, 2018).

Figura 65 - Santa Terezinha do Menino Jesus



Fonte: Canção Nova, 2018.

5 DIAGNÓSTICO: BREVES COMENTÁRIOS

O principal objetivo desta etapa é avaliar a situação de estabilidade e da integridade física dos elementos arquitetônicos da edificação. Foram realizadas pesquisas de campo e nela observadas que há uma presença significativa de ações de fatores de deterioração com desintegrações parciais de elementos arquitetônicos. Um exemplo é o desgaste do material, no caso da pintura de todas as fachadas, assim como trincas, fendas e rachaduras decorrentes de contração dos materiais e capilaridade.

Tanto na fachada principal quanto na posterior, o gradil e a grade das janelas estão enferrujados e com partes faltantes.

No interior notamos sujidades, cupins, degradação do forro de madeira da nave (tabela 01) (DIPAC/FUNALFA, 2013).

Tabela 1 - diagnóstico de conservação da Capela de Santa Terezinha do Menino Jesus

LOCALIZAÇÃO	AVALIAÇÃO				
	Muito bom	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
Fachada principal			x		
Fachada lateral esquerda			x		
Fachada lateral direita			x		
Fachada posterior			x		
Cobertura			x		
Interior			x		

Fonte: UFJF, 2007.

Tabela 2 - grau de caracterização

LOCALIZAÇÃO	AVALIAÇÃO			
	Caracterizado	Descaracterizados recuperáveis	Descaracterizado irre recuperáveis	Ruínas
Fachada principal	x			
Fachada lateral esquerda		x		
Fachada lateral Direita		x		
Fachada posterior		x		
Cobertura	x			
Interior	x			
Anexos Originais	x			

Fonte: UFJF, 2007.

5.1 ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA CAPELA

Atualmente no que diz respeito aos elementos arquitetônicos e à sua volumetria, pode-se dizer que a capela se encontra em estado razoável de conservação.

Pela falta de uso e de manutenção durante um período relativamente grande, o edifício sofre interna e externamente com a ação dos agentes naturais, deixando marcas visíveis no edifício.

Algumas informações mais específicas, principalmente sobre a análise estrutural fogem ao âmbito do presente trabalho, pois necessita da realização de prospecções arquitetônicas e arqueológicas e de uma equipe de trabalho multidisciplinar, o que não é possível no momento.

Como forma de apresentação do estado de conservação, do edifício, o mesmo foi dividido em itens para facilitar a leitura.

Sistema estrutural:

- A condição estrutural das paredes de tijolos maciços do edifício não aparenta estar comprometida, apesar da apresentação de algumas fissuras.

Cobertura:

- Apesar da dificuldade de acesso à estrutura do telhado, pôde se observar, que não há deformações aparentes. O único sinal de deformação notado no edifício se encontra na parede lateral direita do edifício.
- As telhas são do tipo francesas apresentam sujidades, estando aparentemente em bom estado.

Forro:

- O forro de estuque da nave apresenta visíveis fissuras das extremidades para o centro. Acima do mezanino foram identificadas em suas extremidades, áreas de umidade em sentido descendentes, com sérios riscos de desmoronamento. Com a estrutura comprometida, o forro da sacristia também corre risco de desabar.

Paredes/ revestimentos:

- Sem maiores comprometimentos, as paredes externas apresentam apenas algumas sujidades, perda das camadas de pintura, não sendo fator de comprometimento da integridade da edificação;
- Marcas repetidas de substituição de reboco encontradas nas fachadas laterais não configuram dano;

- Na parte mais próxima da sacristia, na fachada lateral esquerda, há um maior acúmulo de sujidades e perda de camada pictórica provavelmente devido à falta de calhas e do condutor pluvial quebrado;
- A presença de umidade descendente nas paredes da torre, principalmente próximo aos basculantes, gerando a perda da camada pictórica e contribui para a proliferação de micro-organismos;
- Com a presença de sujidades e perda de camada pictórica, as paredes internas da nave apresentam também algumas fissuras especialmente na parede que corresponde à fachada lateral esquerda, na parede do arco cruzeiro e abaixo das janelas das paredes laterais;
- Debaixo das janelas e em pontos da parede do altar também foram encontradas muitas fissuras. As paredes internas da sacristia apresentam pontos com perda da camada pictórica, grandes áreas com umidade ascendente e descendente e fissuras significativas;
- As paredes internas da torre com perda de camada pictórica, sujidades, grande quantidade de excrementos de aves nas paredes e perda superficial de seção em alguns pontos. Há fissuras, especialmente na parede correspondente à fachada lateral esquerda, na parede do arco do cruzeiro e abaixo das janelas nas paredes laterais. Há também fissuras, concentradas debaixo das janelas, e em vários pontos na parede do altar.

Pisos:

- O revestimento de ladrilho hidráulico no piso da área interna da capela, não apresenta patologias significativas;
- Com grande quantidade de excrementos de aves e insetos xilófagos, o piso de madeira do mezanino apresenta problemas maiores;
- Há manchas de umidade no piso da sacristia, e áreas com perda de seção e algumas fissuras.

Esquadrias:

- Pode-se dizer que o estado de conservação é bom, apesar da presença de insetos xilófagos e perda de seção em algumas esquadrias, especialmente as das janelas laterais, que pelo ressecamento e pelo rompimento das fibras da

madeira apresentam algumas fendas, causadas pelo rompimento das fibras através do ressecamento;

- As janelas se encontram com alguns caixilhos sem vidros, também na fachada lateral esquerda, que é onde os danos estão mais acentuados. As esquadrias de ferro dos basculantes da sacristia apresentam grandes áreas com oxidação, provavelmente devido à ação do tempo. As esquadrias das janelas da torre não apresentam maiores danos;
- As portas de entrada principal, devido à exposição ao tempo, apresentam em alguns trechos perda de camada pictórica, no todo se encontram em bom estado de conservação. As portas de acesso à sacristia se encontram também em bom estado, apenas com alguns pontos do batente apresentando perda de seção por conta da ação de insetos xilófagos. A porta que dá acesso à torre apresenta grande quantidade de excrementos de aves, por ser ali o principal local onde as aves se instalaram.

Escada e guarda-corpos:

- Totalmente confeccionados em madeira maciça a escada helicoidal, que dá acesso ao mezanino e os guarda-corpos, apresentam grande quantidade de resíduos de aves e a presença de insetos xilófagos compromete a integridade dos guarda-corpos. A escada que dá acesso à torre se encontra com grande quantidade de resíduos de aves.

Guarda-pó:

- Encontra-se quase todo quebrado, onde se constatou ser a forma de acesso das aves ao interior da capela (CÉZAR, 2013, p.54 a 57).

5.2 DIAGNÓSTICO SOBRE O ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA CAPELA

Com base em documentos anexados ao processo de tombamento, mapeamento de danos *in loco* e por meio de fotografias, a falta de uso, juntamente com a falta de manutenção e a ação de insetos xilófagos que comprometem as estruturas de cobertura, do forro de estuque e do mezanino, são os principais agentes de degradação no interior da capela. Ficando evidente o abandono e a

negligência por parte do município frente a esse patrimônio. Nas fachadas identificou-se uma maior área de perda de camada de pintura, sujidades e muitos vidros quebrados, atos relacionados com vandalismo, que são os principais agentes de degradação do objeto (CÉZAR, 2013, p.57).

A falta de vistoria contribuiu para a proliferação dos organismos xilófagos, onde a perda de parte da seção das madeiras dos guarda-corpos do mezanino é risco eminente de desmoronamento da estrutura. Outra patologia a ser considerada é a umidade (figura 66) vinda do solo, essa infiltração ascendente é advinda do contato direto da estrutura com o solo. Outra umidade é a descendente, vinda do telhado para o interior da edificação. É importante uma maior investigação no forro de estuque onde se encontram algumas fissura, para se constatar a causa.

Figura 66 - perda de matéria e umidade



Fonte: acervo pessoal, 2018.

Pode-se dizer que ações de conservação preventiva poderiam ter evitado a maioria dos danos encontrados atualmente e que a falta de uso está intrinsecamente aliada à falta de manutenção do objeto desse estudo.

6. CONCLUSÃO

Através do presente trabalho foi possível incitar uma série de questões relacionadas a um dos patrimônios esquecidos pela cidade de Juiz de Fora. Pode-se ressaltar a grande importância do imóvel na história da cidade, que exerce um grande valor simbólico e de identidade para a comunidade do bairro Santa

Terezinha, e que leva ao reconhecimento do bem como um patrimônio histórico e cultural da cidade, o qual deve ser preservado.

Os estudos presentes nesse trabalho compõem um valioso material que será utilizado na proposta de intervenção e a ser elaborada na disciplina de TC II, garantindo a ela embasamento histórico, teórico e técnico para a adequada recuperação e revitalização da capela e do seu entorno. Também poderá ser anexado ao processo de tombamento existente nos arquivos da Divisão de Patrimônio Cultural de Juiz de Fora.

Os esforços tiveram como objetivo buscar a relação de identidade arquitetônica com a comunidade como mecanismo de preservação do bem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, *Pequena Geografia Histórica De Juiz De Fora*. 1. ed. Juiz de Fora: Funalfa, 2017. v. 1, 146 p.

BASTOS, *Do Caminho Novo dos Campos gerais à atual BR- 135*. 1. ed. Juiz de Fora: Ufjf, 1975. v. 1, 82 p.

OLIVEIRA, *História de Juiz de Fora*. 2. ed. Juiz de Fora: Gráfica Comércio e Indústria Ltda, 1966. v. 1, 315 p.

ABRANCHES, *Áreas verdes e espaços urbanos: A Mata do Krambeck e a cidade de Juiz de Fora em Minas Gerais*. 2016. 113p. - Pós graduação em Ambiente Construído, UFJF, Juiz de Fora, 2016.

CEZAR, *Revitalização da Capela de Santa Terezinha*. 2013. 113p. - Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFJF, Juiz de Fora, 2013.

JUIZ DE FORA, Patrimônio Cultural. *Bens Tombados*, 15 de julho de 2004, Juiz de Fora: FUNALFA.

JUIZ DE FORA, Plano diretor. *Participativo*, 2018, Juiz de Fora: PJF.